

o complexo dos assassinos  
lindsay cummings

Tradução de José Manuel Lopes



**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
livros para fugir da rotina

*Este é um livro de ficção. Qualquer referência a pessoas, acontecimentos, instituições, organizações, ou locais reais será apenas a fim de fornecer um sentido de autenticidade, e será usada para fazer avançar a narrativa ficcional. Todas as outras personagens, e todos os incidentes e diálogos, provêm da imaginação da autora e deverão ser concebidos como tendo uma existência real.*



*Ao meu pai, Don Cummings, que é a razão por que escrevo.  
Adoro-te.*



*Bem-vindos ao Complexo dos Assassinos.  
Vocês não nos podem ver. Vocês não nos podem sentir.  
Mas estamos aqui.  
E controlamos todos os vossos movimentos.*



## CAPÍTULO 1

### MEADOW

É a chave para a sobrevivência, a chave da vida. O velho punhal do meu pai.

— Peri! — Chamei por cima das ondas a minha irmãzinha. Uma velha lata ondula nas águas, hipnotizando-me por momentos. Para lá dos Baixios, o mar está pejado de barcos. Alguns ainda estão a flutuar, com os mastros estendidos como braços para o céu. Outros encontram-se meio submersos, afundados e cobertos de musgo.

Por entre os barcos veem-se outras coisas. Pneus usados, a metade de um automóvel enferrujado, plástico. Um cadáver de mulher está de cabeça para baixo nas ondas, com o cabelo estendido como se fosse algas.

Por detrás de mim, na cidade, geme a Sirene Noturna. Começa baixinho, em seguida uiva mais alto para se tornar de novo mais silenciosa. Toda a gente na praia se esconde nas sombras, sabendo demasiado bem o que acontece quando o Sol se põe.

Já não é seguro. Volto a chamar a Peri. — Já são horas para nos irmos embora!

Ela levanta uma mão muito pequena e faz-me o sinal com dois dedinhos sujos que ergue por cima da cabeça.

Dois minutos. Com ela é sempre mais dois minutos.

O Sol começa a pôr-se, uma enorme bola cor de laranja, que se derrete

no mar, incendeia o céu e tudo começa a dançar cheio de cores. Vermelhos, laranjas, amarelos. Lembram-me sangue, lembram-me a minha mãe.

Peri vem a correr na minha direção, levantando jatos de areia atrás dela. — Encontrei um caracol-do-mar! — grita, como uma gaivota assustada. — Como eu!

— Ai sim? Deixa-me ver. — Dou uma olhadela por cima do ombro e vejo algumas pessoas que ainda se encontram na praia, antes de me ajoelhar para ficar ao seu nível. Os grandes olhos cinzentos de Peri, da cor da espuma do mar, abrem-se muito, ao colocar-me a concha pequenina na palma da mão. É redonda e enrolada em espiral, com uma ponta aguda no topo. Um molusco surge então na sua abertura. Embora não tenha o volume suficiente para que alguém o pudesse comer, ainda estou tentada a meter esse caracol no bolso. Mas, de qualquer modo, a Iniciativa iria logo saber disso. Tão certo quanto a maré encher e vaziar, a Iniciativa descobre sempre os nossos segredos.

— É uma bela concha — comento, sorrindo para ela —, mas não podemos ficar com ela.

Os números negros e espessos, que tem tatuados na testa, franzem-se contrariados. 72050. É o número de catalogação da Peri, que difere do meu apenas por um número. Os nossos códigos de barras informam a Iniciativa acerca do local onde estamos e de *quem* somos, a cada momento das nossas vidas. À medida que Peri vai crescendo, crescerá também, e nunca se há de apagar ou enrugar-se devido às nanites<sup>1</sup> que todos nós transportamos no sangue.

— Olha — digo-lhe, apontando a ponta do punhal na direção da concha —, vamos marcá-la. Assim, da próxima vez que a encontrares, vais lembrar-te. — Tento desenhar um pequeno coração num dos lados da concha. Está todo torto e mal se consegue ver. Deixo cair o molusco na areia para que as ondas o levem. A Peri sorri encantada. É uma versão mais pequena de mim. Tem um cabelo louro-platinado que lhe cai encaçolado até à cintura. Como o da nossa mãe.

— Muito bem, já é tempo de nos irmos embora. — Ela dá-me a mão e reboca-me pela areia, murmurando entre dentes a melodia de uma canção de embalar. Baixinho, mais ninguém além de nós as duas a consegue ouvir. A Peri sabe muito bem dar valor ao silêncio nos Baixios.

No outro extremo da praia, um pontão feito de enormes pedras pe-

---

<sup>1</sup> Nanomáquinas. (N. do T.)

netra no mar. As ondas rebentam contra ele e molham-nos, mas isso não importa. O calor do verão cola-se a mim como nevoeiro.

Peri é a primeira a trepar pelo pontão para chegar ao outro lado. Eu sigo-a, e fico quase sem fôlego.

Piratas.

São capazes de fazer qualquer coisa para ganharem mais créditos. A Iniciativa paga-lhes para vigiarem a costa e para resolverem os problemas mais comuns, tal como encontrarem e denunciarem os cidadãos que quebrem um dos quatro Mandamentos dos Baixios.

*Primeiro Mandamento: Honrar a Iniciativa.*

*Segundo Mandamento: Não tentarás atravessar o Perímetro.*

*Terceiro Mandamento: Honrar a Hora de Silêncio.*

*Quarto Mandamento: Não manterás objetos úteis dos Dias Passados.*

— Vamos lá a pagar! — exclama um dos Piratas. Este levanta-se do seu lugar junto a uma fogueira bem acesa. Estão a cozinhar peixe.

Nós nunca poderíamos arranjar um peixe inteiro. Tudo o que conseguimos recolher é enviado para o Departamento de Rações Alimentares, para ser misturado com outros alimentos, ricos em nutrientes, até formar um puré a ser distribuído.

— Esta noite não queremos problemas — apresso-me a dizer-lhes. A Peri encosta-se muito a mim. — Só queremos chegar ao nosso barco.

O Pirata ri-se, e há dois homens que se juntam a ele. Estão todos cobertos de tatuagens. Um deles tem uma tatuagem da Iniciativa no pescoço, um olho aberto que nunca pestaneja. — Se queres ir para o mar, minha menina, terás de pagar.

A minha mão toca no punhal que trago junto à anca. São apenas três. Se estivesse sozinha, acabaria logo com a situação. Mas a Peri começa a puxar-me pela blusa e eu dou-me conta do medo nos seus olhos. Não posso arriscar a sua segurança. Não agora, quando as Horas da Escuridão se avizinham. E não tenho o que quer que seja para dar aos Piratas, nada que possa comprar a nossa passagem.

Mas a Peri tem.

Ela tem um par de ténis demasiado grandes e os atacadores ainda estão intactos. Trata-se de algo precioso, e parte-me o coração o facto de ter de ser eu a retirar-lhos.

— Dou-vos os atacadores — sugiro eu aos Piratas, apontando para os pés de Peri. — Mas depois têm de nos deixar passar.

O homem mais corpulento assobia. Tem mau hálito. — Esta noite estou muito generoso, minha menina. Para a próxima vez é melhor que venham preparadas. Estão a perceber?

Aceno afirmativamente com a cabeça. — Para a próxima vez talvez não fique vivo.

Ele pensa que estou a brincar.

Baixo-me para desatar os atacadores. A Peri franze o sobrolho, mas não se põe a chorar.

É forte esta minha irmãzinha.

Os Piratas pegam nos atacadores e voltam, a rir-se, para junto do peixe que estavam a assar. Eu e a Peri conseguimos passar em segurança e corremos ao longo da praia. Retiramos à pressa as folhas de palmeira e as algas do nosso barco. Trata-se de um pequeno bote onde apenas cabem duas pessoas. Desamarro a corda, empurro o barco até às ondas e deixamos a praia para trás.

— Meadow, será que vamos comer esta noite? — pergunta-me a Peri, enquanto rema através do labirinto de resíduos e de lixo. O vento afasta-lhe o cabelo da cara e eu reparo no modo como ela tem as maçãs do rosto tão salientes, como tem os olhos um pouco encovados. Está novamente a perder peso.

— Sim — respondo-lhe, acenando com a cabeça e desviando o olhar. A maneira como ela me está a observar, como se eu fosse a única coisa no mundo que merecesse ser amada, faz com que o meu coração se encha de sentimentos de culpa. Se ela soubesse o que tenho de fazer para que ela possa comer, para me certificar de que conseguimos assegurar a sobrevivência...

A duas milhas da costa paro e ponho-me a olhar fixamente para o mar enegrecido, com os ombros a arderem-me devido ao esforço da remada. O bote embate contra a nossa casa flutuante. Tudo está em silêncio, uma noite parada com as ondas a embaterem suavemente contra o barco, como de costume. Quando a minha mãe foi assassinada, pensei que o mundo também se acabasse com ela. Mas ainda continua.

## CAPÍTULO 2

### ZEPHYR

É estúpido termos medo de um número.

57809. Cada vez que o vejo, tenho um calafrio.

45860. Afasto-me rapidamente, com as faces coradas, os dedos a tremer.

23412. Culpa. Ódio. Angústia. Tenho vontade de fugir e de bater com a cabeça contra uma parede de tijolo até começar a sangrar, até perder os sentidos e ignorar o mundo por completo.

Os Programados não deveriam ter sentimentos. Especialmente os rapazes. Devemos ser fortes, capazes de nos desenrascarmos. Pelo menos é isso que a Iniciativa nos diz.

É uma estupidez termos medo de números.

Mas eu tenho.

Tenho mesmo.



### CAPÍTULO 3

## MEADOW

Todas as noites, fico acordada o tempo suficiente para poder afastar os meus pesadelos. Estou de pé nas tábuas que formam o chão do alpendre. O mar está mais escuro do que o céu e, embora mal possa enxergar as ondas a erguerem-se e a baixarem à luz do luar, sinto esse movimento por baixo dos pés. Um suave embalo que me faz sentir em segurança. Os outros barcos à nossa volta chapinham e gemem nos seus ancoradouros. Costumava haver outras pessoas a viverem nesses barcos.

Mas todas foram mortas ou desapareceram. Agora, apenas a minha família sobrevive no mar.

Na distância consigo ver as luzes do Perímetro, a enorme muralha que rodeia os Baixios.

O meu pai contou-me sobre uma guerra que despedaçou o país e que todos os que sobreviveram tinham contraído a Peste. Esta derrete-nos as entranhas. Morre-se num instante e todos os que se encontrem perto, para verem o que acontece, também morrem.

Uma vez por outra, veem-se luzes intermitentes no topo da muralha do Perímetro, que oscilam entre o azul e o roxo. A Pulsação. Essas luzes enviam mensagens para os Alfinetes que nos foram implantados no braço logo à nascença. Ao receber essa mensagem, o Alfinete liberta nanites.

Estas retiram-nos as impurezas do corpo, reparam-nos as células, como pulgas de areia na sua limpeza. É por isso que todos somos saudáveis. Devido à Pulsação, a morte por doença é algo que já não teremos de temer. A Peste já não nos poderá atacar. O Segundo Mandamento tem a ver com a nossa segurança.

E essa é a única razão por que aqui ficamos.

Volto-me para entrar em casa. A Peri deve estar a começar com os seus pesadelos. Mas antes que o faça, algo me detém.

Julgo ouvir passos.

— Peri?

Qualquer coisa embate com força contra mim e fico sem ar nos pulmões. Caio do alpendre para o mar escuro.

Alguém me agarra. Estamos a ir para o fundo do mar, muito depressa, com o luar por cima de mim a desaparecer rapidamente.

Não consigo respirar. Não consigo pensar. Vou morrer afogada.

*Conta até três. Descontrai a mente. Agora sobrevive.* As palavras do meu pai ressoam-me claramente no pensamento, e eu obedeco.

A minha mão toca em carne humana e eu ouço um ronco surdo através da água. Consigo agarrar no punho do punhal, abrir os olhos e apontá-lo na direção do meu atacante. A lâmina quase lhe penetra, quando me apercebo de três apertões fortes no braço. O sinal, na minha família, de estarmos prestes a desistir. Recuo, retirando o punhal. Irei, de certeza, pagar por isso.

Volto desesperadamente à superfície e aspiro o ar fresco de verão, enquanto o meu irmão vem à tona, mesmo ao meu lado.

— Mas que diabo, Meadow...! — exclama Koi, enraivecido, enquanto ambos vomitamos água salgada. — Pai! — grita ele, e o rosto do nosso pai aparece por cima da balastrada. Atira-nos um escadote de corda e nós nadamos para ele à luz do luar.

— Raios partam! — geme Koi, à medida que trepa desajeitadamente pela escada de corda para se atirar para as tábuas do chão do alpendre como um peixe moribundo. Depois deita-se de costas e começa a respirar fundo. Vejo gavinhas de pelos platinados no seu rosto. — Quantas vezes te disse eu já... para deixares o punhal... — geme ele — aqui em casa... — outro gemido — sempre que brigamos?!

Consigo subir pela escada de corda e sento-me de cócoras ao lado dele.

O meu irmão faz-me um gesto obsceno com o dedo médio, e eu estremeço ao ver um charco de sangue a espalhar-se pelas tábuas do chão do alpendre por baixo da sua coxa. O sangue, na maior parte das vezes, não me incomoda. As nanites reparam-nos as feridas muito rapidamente. Mas estas deixam-nos cicatrizes, marcas da nossa força. A ideia de ser *eu* a pôr termo à vida do Koi dá-me vontade de vomitar.

— Tu atiraste-te a mim sem que eu estivesse à espera! — digo-lhe a choramingar. Porém, apesar do sangue, não posso deixar de sorrir. O Koi alcança três vitórias por cada uma das minhas. — Bem, deixa-me ajudar-te...

— Não, não é preciso — responde-me ele, com um rugido. A ferida já começou a sarar. — Não é nada de especial. — Faz uma careta e afasta-me a mão. As suas cicatrizes são como centenas de pequenas marcas de dentes ao longo dos braços. As minhas não são tão más, apenas uns quantos pequenos cortes aqui e ali, mas quem me dera ter mais. Nos Baixios as cicatrizes são os nossos troféus. Demonstram bem como sabemos fingir a morte.

— Belo trabalho, Meadow — observa o meu pai, com um sorriso escarzinho. Ele gira a manivela de uma grande roda situada à proa da nossa casa flutuante. Mais à ré, vê-se um compartimento onde se guarda uma bobina de arame. Correntes, ligadas a essa roda, libertam desse compartimento um espesso arrame farpado. Esse arame serpenteia em volta da balastrada da nossa casa flutuante, com farpas tão aguçadas como facas. A segurança nunca é de mais. — Estás a ficar melhor. Creio que já passou.

— Sim? — Esforço-me para que a minha voz não soe esganiçada de emoção. Amanhã é o meu dia de anos. Dezasseis, e já não é sem tempo. Já estamos em junho, no sexto mês do ano, quando dois comboios especiais atravessarão os Baixios, o Vermelho e o Azul. Se conseguir apanhar um deles, farei o meu teste de colocação e, se tudo correr bem, terei finalmente um verdadeiro emprego e um ordenado. Isso irá significar mais comida e mais água para a minha família.

— Pois é... — O meu pai acena-nos para que nos juntemos a ele lá dentro. Seguimo-lo e vemo-lo acender uma vela, logo que fechamos a porta e as portadas das janelas. Tenho a impressão de cheirar lírios, a flor favorita da minha mãe. Mas as velas perfumadas há muito desapareceram.

No outro lado da sala, consigo ver a Peri esparramada em cima do colchão, com as pernas e os braços abertos, como se tivesse acabado de cair sem sentidos após uma corrida extenuante.

— Estás nervosa? — Koi pega numa cadeira e senta-se voltado para

as costas da mesma, com os braços pousados à vontade sobre o espaldar arredondado.

— Não — minto-lhe. Não quero que ele pense que sou fraca. — Explica-me como é que podemos apanhar o comboio.

Ele ri-se baixinho. — Já to expliquei, Meadow. Mil vezes. Não dê nas vistas. Não chames as atenções. Não irás ter problemas.

Olho de soslaio para o meu pai, e ele confirma as palavras do Koi com um silencioso aceno de cabeça. O nosso saco de mantimentos está aberto em cima da mesa. Tudo o que o meu pai conseguiu ganhar nessa semana. Uso o meu punhal para cortar uma fatia de pão. Esboroa-se nos meus dedos quando a levo à boca, mas não me queixo. Aprendemos a ser agradecidos por tudo o que conseguimos arranjar.

— E se eu não o conseguir apanhar? — Olho para Koi. — Explica-mo outra vez, *se não te importas...*

Os seus olhos fixam-se nos meus por instantes, e sorri. É algo que ele e a Peri fazem mais vezes, uma coisa rara nos Baixios. — Hás de conseguir. Limita-te a fazer o que te disse. Vão todos tentar entrar sofregamente para o primeiro comboio. Vai ser uma carnificina, acredita, de modo que tens de te manter mais atrás e *esperar*. Entras no segundo comboio e, em vez de entrares para a carruagem, trepas para o tejadilho.

Ele conseguiu apanhar o comboio há três anos. Mas chumbou no teste de colocação.

Ainda hoje se critica por causa disso. Leio-o nos seus olhos.

— Hás de conseguir apanhar o comboio — repete Koi. Debruça-se e coloca a mão em cima da minha. É um gesto que a minha mãe costumava ter para comigo. — És forte e, quando fizeres o teste, hás de passar.

Ficamos calados por mais algum tempo. O meu irmão pega num pedaço de madeira que deu à costa e começa a esculpi-lo. Consigo ouvir o ruído do seu canivete, a regularidade da sua respiração. As suas esculturas em madeira são sempre tão reais, como se capturassem breves instantes de vida e, silenciosamente, agradeço ao mundo por não lhe ter roubado esses pequenos instantes de felicidade. Esta noite, está a fazer uma escultura do meu pai a limpar os seus anzóis após um dia de pesca. Por vezes, penso que poderia ficar aqui sentada para sempre a observar o Koi. É uma coisa simples trabalhar a madeira desse modo, mas o resultado final é sempre fascinante.

— Porque é que não conseguiste passar no teste, Koi? — perguntei-lhe

antes. Nunca me contou o motivo. Mudava sempre de assunto, ou continuava o que estava a fazer, sem me dirigir uma palavra.

Mas esta noite ele suspira e pousa o canivete.

— Lembras-te do teu treino? — pergunta-me.

O meu pai entra e coloca uma grande tigela de água fervida na mesinha. Submerjo nela as mãos, sorvo um gole, e deixo que a água morna me deslize pela garganta. O meu pai sai muito calado e, minutos depois, ouço o ribombar de uma tempestade. — Tivemos treinos em sobrevivência durante anos — observa Koi. — E que nos disse sempre o nosso pai?

Olho para a Peri. — Matar ou morrer — murmuro.

Koi acena afirmativamente com a cabeça. Volta a pegar no canivete e vejo que fica com os nós dos dedos muito brancos. — Quando entrares na sala, e *hás de entrar*, Meadow — diz-me ele, quando me vê abrir a boca para protestar —, estarás aí com uma outra pessoa. Irão testar-te com perguntas. Os resultados serão inconclusivos. São-no sempre.

Atira para o chão o pedaço de madeira e começa a trabalhar numa outra escultura. — Chumbei porque não era suficientemente forte. — As marcas que ele vai fazendo na madeira tornam-se mais fundas. Julgo estar a ver o rosto da minha mãe, mas ele atira com o canivete para cima da mesa e desvia esse pedaço de madeira, antes que eu o possa ver mais de perto. — A única razão por que regresssei é porque sou um covarde. Esforcei-me por sair da sala para que o rapaz que tinha de lutar comigo pudesse viver.

— Só porque não mataste ninguém não quer dizer que sejas um covarde — comento. — Faz de ti uma boa pessoa. — Koi é corajoso porque ainda é capaz de amar e ser afável, num mundo repleto de ódio.

Mas eu... Eu não me importaria de matar para salvar a minha família, até por um pão.

— Só uma pessoa poderá sair dessa sala viva, Meadow, com um *emprego*. E serás tu. Tu conseguirás fazer aquilo que eu não fui capaz.

Olhamos fixamente um para o outro. — Matar ou morrer — diz ele. Volta a ocupar-se da sua escultura, calmo e em silêncio; ele é tão diferente de mim.

Porque, de súbito, apercebo-me do que o Koi me está a tentar dizer.

Sou uma assassina, treinada pelo meu pai, e sempre o fui. Levanto-me e pego no pedaço de madeira. A Peri irá querer ficar com ele.

— Lamento ser quem sou — digo, com um suspiro, ao acomodar-me na cama com a minha irmã. Ela volta-se, e eu sinto o seu bafo quente na face.

Esta noite estarei em segurança.

Na cidade, a segurança é uma coisa do passado. A percentagem de assassinios subiu para trezentas mortes por mês e qualquer pessoa pode ser a próxima. Foi o que aconteceu à minha mãe.

Amanhã, serei capaz de matar para não morrer.

## CAPÍTULO 4

### ZEPHYR

— Limpa-me esse lixo, 72348! Que é que pensas que isto é? Uma creche? Mexe-te, Programado!

O funcionário da Descontaminação do Local de Crime e de Trauma é um grande sacana. E não um dos sacanas do costume. É novo aqui, começou a trabalhar há pouco tempo... são dos piores que poderemos encontrar, com calças novas, lavadas e muito bem passadas a ferro, talvez pela mãe dele, e é pago pelo seu abastado pai da Iniciativa.

Ele é uma Sanguessuga de primeira apanha. Esse género de pessoas está protegido por um Alfinete Versão 2.0. Os que têm os genes CTSD parecem envelhecer mais lentamente do que nós, e nenhum deles tem uma ruga ou uma cicatriz que se veja.

Mergulho a esponja num balde de lixívia e espremo-a, com o cheiro forte a invadir-me as narinas. A costumeira onda de náusea percorre-me o corpo. A Talan está a olhar fixamente para mim enquanto arranca o Alfinete do braço sem vida da vítima; nada mais a separa, para além de um par de luvas de látex, dos tendões do número 34570. O funcionário Sanguessuga aproxima-se, e a Talan coloca o Alfinete numa caixa com fechadura. As nanites serão recicladas para a próxima pessoa que tenha a infelicidade de ter nascido nos Baixios.

Sabem que mais? Penso que as Sanguessugas merecem uma morte sangrenta e serem atiradas para uma campa rasa.

A Talan debruça-se sobre outro corpo com uma cabeça quase esmagada. Vejo-a revirar os olhos azuis-claros. Rio entre dentes. Quase consigo ouvir-lhe a voz a lamentar-se: — Oh... meu DEUS... Zephyr... *Ohmeudeus*... Não é assim tão terrível para ti. És um RAPAÇ. Estou seriamente a considerar a prostituição em vez disto.

Eu mostro-lhe os dentes num sorriso aberto e começo a trabalhar esfregando o chão manchado de sangue. A Talan não é nada feia. Ela é uma daquelas mulheres com um ar *sexy* e misterioso; cheia de curvas, no melhor sentido da palavra, com olhos eletrizantes e cabelo escuro que lhe roça a cintura fina. Ela iria ter mais rações alimentares se se tornasse uma *dessas* raparigas, não há dúvida, mas, se o fizesse, não iria durar muito. Nada nos Baixios dura muito tempo.

Um rasto de suor quente percorre-me a espinha. Fazer limpezas sob o céu da Florida não é trabalho fácil. Hoje é domingo. Dia de recolha, o pior dia da semana. É um dia de luto e reflexão.

Pego numa pá e deslizo-a por baixo de um corpo. Ao longo dos passeios de cimento rachado da cidade veem-se corpos. Cadáveres. Alguns mortos há uns dias; outros há horas. Veem-se corpos cobertos de moscas, de pássaros que depenicam nos nossos almoços e roubam madeixas de cabelo para fazerem ninhos. Mas o pior de tudo é o sangue. Seco, rios de sangue em crostas, espalhados pelas ruas da cidade como cola. O cheiro metálico é de cortar a respiração e, quando o calor se eleva do alcatrão e o Sol incide de tal maneira forte como se estivéssemos debaixo de uma lente gigantesca, o sangue começa a borbulhar. Quando ferve durante muito tempo, começa a queimar-se.

O meu trabalho é limpá-lo. Todos os Programados desempenham os trabalhos que mais ninguém quer fazer. Como estarem encarregues do lixo; levar montes do mesmo para o Cemitério, uma grande montanha de lixo nas margens da cidade onde os membros das quadrilhas de meliantes não hesitarão em nos degolar. Podemos trabalhar como engraxadores para as Sanguessugas. Lavar-lhes os uniformes.

São tudo trabalhos para malucos, mas temos de os fazer. *Primeiro Mandamento: Honrar a Iniciativa*. Cada semana, ao domingo, eu apareço e observo tudo com muita atenção. Esfrego e limpo e agonio-me, e perco o meu almoço duas vezes. Sento-me no meio de um mar de moscas e tento

não pensar no dia em que encontrei a filha da Talan estendida e toda torcida no passeio.

O pior era que a Arden ainda respirava, ali estendida, encharcada no seu próprio sangue. Os golpes eram tão fundos que nem mesmo as nanites os conseguiam estancar. Vi a Talan levantá-la do chão e tentar levá-la para que a socorressem, mas uma Sanguessuga apontou-lhe logo uma espingarda à cabeça. Uma das maiores, com balas que lhe abririam um buraco enorme no crânio. — Acaba com ela — disse-lhe ele. — Faz o teu trabalho como deve ser.

Fui eu quem o fez em vez dela.

Não podia permitir que tivesse de ser a Talan a fazê-lo.

Mas esse é o preço que pagamos por sermos Programados. Somos todos peões, órfãos, sem outra escolha. Faremos tudo para sobreviver, e as Sanguessugas certificam-se de que será assim.

A campainha soa. É altura do intervalo para almoço. À minha volta, os Programados movem-se como um único bloco, como uma vasta migração até ao Salão de Rações Alimentares. O edifício é baixo e atarracado, uma velha escola primária aproveitada dos dias antes de o mundo se ter tornado um inferno. Ao canto, um enorme buraco na parede está tapado com pedaços de lona azul. Talvez do tempo de um velho ataque aéreo antes de o Perímetro ter sido construído. Os sobreviventes originais dizem que se está melhor aqui. Dizem que até as árvores morreram devido à Peste, que os pássaros todos tombaram do céu. A minha teoria é que o mundo é uma coisa terrível, não importa onde estejamos.

— Vamos a andar depressa. Temos uma cidade para limpar, Programados! — exclama a Sanguessuga como se estivesse a ladrar. A meu lado, consigo ouvir a Talan num protesto entre dentes. Entramos no salão e somos assaltados por um cheiro a carne fora de prazo. Quente. Asfixiante. Suficientemente forte para arruinar o apetite de qualquer pessoa, mas estamos tão tremendamente esfomeados que nem nos importamos.

Ponho-me na fila atrás da Talan. O funcionário Sanguessuga que aqui está é alto e grosseiramente gordo. Como uma esfera demolidora. Ele observa enquanto mostramos os nossos números de catalogação, e grita-nos para que mantenhamos um andamento certo. Eu olho para os ecrãs que mostram imagens do que podemos comer hoje. Um naco de qualquer coisa semelhante a carne. Penso nisso como sendo gato duas vezes frito. Um copo de água reciclada. Uma mulher, com o cabelo tão curto como o dos

homens, passa-nos o nosso saco de ração alimentar através de uma pequena abertura na divisória de vidro. Recebemo-lo sem nos queixarmos. Se assim não fizéssemos, seríamos castigados.

Por vezes há pessoas que são castigadas até morrerem.

— Isto é uma merda — comenta a Talan logo que arranjam um lugar numa das mesas. Ela põe uma mancheia de carne na boca. — Estas Sanguessugas voltaram a cortar as nossas rações...

Eu olho para a minha insignificante porção. — Caraças, Talan, tens razão.

— Essa palavra nunca irá voltar a estar na moda — observa ela.

Encolho os ombros. — Se eu quiser que a palavra entre na moda, assim será. As palavras são praticamente deusas, não sei se estás a ver...

— Tu é que deves *estar a ver coisas*, se queres que te diga. Será que te dei uma pancada na cabeça, sem querer, com uma das pás? — Ela acaba de comer em tempo recorde.

Todos os dias nos parecem dar menos. Mais fica para as Sanguessugas comerem. O seu complexo habitacional, em forma de torre, tem um portão e encontra-se rodeado de guardas armados. Há dias em que penso meter os braços através das barras de ferro para poder arrancar uma maçã da árvore que está sempre fora do meu alcance. Mas, se o fizesse, seria mais um cadáver para a Talan levantar do chão e, se bem que ela por vezes me faça perder as estribeiras, não posso permitir que continue nesta vida sozinha. Ela é a pessoa mais próxima que tenho, a minha única família.

— Meu Deus, faria tudo para ficar gorda — observa a Talan. — Tu não? Pensa nisso, Zephyr. Imagina que estás tão empanturrado que nem consegues respirar.

Mantenho-me calado. As Sanguessugas podem não se importar com o nosso bem-estar, mas ouvem tudo o que dizemos.

Estou convencido que me observam muito de perto. Enquanto como, quase sinto os seus olhos a furarem-me as costas. Por vezes imagino que me conhecem. Que me conhecem *realmente*, de um modo ainda mais profundo do que a minha mãe ou o meu pai. Ponho a comida na boca e deixo-a deslizar pela goela. Sabe a terra e a minhocas.

— Oh, não quero acreditar no que está a acontecer! — exclama a Talan, como se rugisse. Ela põe-se de pé e eu levanto os olhos.

As Sanguessugas formaram um grupo no outro lado do salão. Revezam-se no uso dos seus chicotes negros, atingindo alguém. Estremeço.

Os que pisam o risco têm de pagar por isso. As cicatrizes que tenho nas costas são a prova do que acabei de dizer.

— Passamos a vida dedicados e preocupados com a segurança — irrompe uma das Sanguessugas em voz alta. Todos se calam e todos olham para ele.

— Dedicamos as nossas vidas para fazer deste mundo um lugar melhor! Exigimos que nos obedçam, pois queremos proteger-vos da dor! — acrescenta, no mesmo tom de voz. É um indivíduo alto, com cabelo escuro e um rosto magro. Axel Worth. O funcionário chefe dos Programados. — E é esta a vossa paga...!

Duas Sanguessugas levantam do chão um homem ensanguentado. Há sangue que lhe escorre do nariz. — Este homem roubou mais rações alimentares — explica o funcionário Worth. — Este homem cuspiu na nossa noção de autoridade. *Cuspiu-vos na cara.*

A Talan murmura a meu lado: — Será que poderemos agora acabar de comer?

Dou-lhe uma pisadela por baixo da mesa para a calar.

— Sabem por acaso o que fazemos aos que desobedecem? — grita Worth.

Ninguém lhe responde. Ele observa a multidão à sua volta, parece ignorar-me e eu desvio o olhar. Não quero chamar para mim as atenções. É por isso que ainda estou vivo, e a Talan devia aprender comigo antes de levar uma coronhada na cara.

— Acabamos com eles!

Worth puxa duma pistola. Não deixo de o observar enquanto ele a levanta, de braços esticados e estendidos, e puxa o gatilho. Há sangue que esguicha para a divisória de vidro e que começa a escorrer lentamente, como chuva numa vidraça.

Ninguém se mexe. Ninguém suspira, ou grita, ou chora, porque todos nós já o vimos antes.

— Mas... que... *estúpido* — diz-me a Talan.

— Também estava a pensar o mesmo — observo, e acabamos as nossas refeições. Deixam o corpo estendido no chão.

Depois do almoço, os Programados logo se encarregarão de o levarem.



## CAPÍTULO 5

### MEADOW

Chego às linhas de comboio mesmo a tempo.

Ouve-se um silvo e uma respiração na distância. Vejo primeiro o comboio Vermelho que se apressa na minha direção. Os carris, na sua maioria, rodeiam a cidade, limitando a praia e os pauis. Porém, mesmo no centro dos Baixios, junto ao Salão de Rações Alimentares, o comboio passa junto à rua.

As pessoas, suficientemente desesperadas para arranjam um lugar num dos comboios, começam a apinhar-se ao longo da linha como gafanhotos. Alguns começam a empurrar, enquanto outros ficam apenas aí de pé, aos berros e a tentar chegar-se um pouco mais à frente. O chão começa a vibrar e, quando o comboio Vermelho quase para, desencadeia-se a luta.

Todas as pessoas se tornam cruéis e intolerantes, e eu tento manter-me longe da confusão.

Espero, até chegar o comboio Azul, tal como o Koi me aconselhou. Este não é melhor do que o Vermelho, de modo que me mantenho mais recuada e reparo no modo como certos cidadãos se esgatanham como animais selvagens.

A última carruagem desliza à minha frente, um caixote de metal enferrujado com uma escada de metal atrás para a manutenção. Já há alguns

que fazem o que eu estou prestes a fazer. Em breve não haverá lugares lá em cima. Corro, tentando pôr-me em bicos de pés, esquivando-me à esquerda e à direita, estendo os braços, e salto.

Seguro com as mãos num dos varões da escada de metal e tento não o largar, ficando com as pernas penduradas, a oscilar perigosamente, perto de um homem que se estica para me arrancar daí. Dou-lhe um pontapé, com força, na cara, e tento trepar por mais varões de ferro enquanto ele esbraceja, quase a desequilibrar-se.

O tejadilho do comboio está cheio de dejetos de gaiivotas, mas estes evitam que o metal fique demasiado quente. Consigo rastejar até lá, apoiando-me no estômago e fico então estendida ao lado dos outros, a arfar. O rapaz que está junto de mim olha para outro lado, assim que eu olho para ele. Hoje, ele não constituirá uma ameaça.

A dada altura, as linhas hão de ramificar-se. Um dos comboios irá para leste, na direção do Perímetro. O outro irá para ocidente, passando pelo Cemitério, em direção à sede da Iniciativa. Espero ter feito a escolha certa.

Se ao menos o Koi me pudesse ver agora... Sorrio e continuo a observar tudo, à medida que os edifícios se vão afastando. Milhares de tendas enchem o paul circundante. Residências para os Programados do Estado. Por vezes imagino que, se fosse também Programada, talvez as coisas fossem mais fáceis. Que se não tivesse a Peri e o Koi a meu cargo, poderia viver livremente. Poderia fazer o que me apetecesse e, caso viesse a morrer, não deixaria cá ninguém.

No entanto, os meus irmãos são, neste mundo, o único pedaço de felicidade que ainda me resta. Nunca os poderei perder.

O Cemitério ergue-se como uma cordilheira na distância, um monte de lixo até ao céu. Quatro torres de vapor inundam-no de um constante nevoeiro, trabalhando em vão para disfarçarem o mau cheiro. As gaiivotas mergulham, debicando na lixeira.

Toda a gente, nos Baixios, sabe que terá de evitar o Cemitério, acima de tudo. Os Piratas não são a única quadrilha de meliantes que aí se encontra. Os Cangalheiros são de longe os piores. Quando o comboio se apressa a passar, começo a abrir caminho até à parte de trás do tejadilho da carruagem, pronta para poder saltar, se tiver de o fazer. Mas o comboio Azul mantém o seu curso, correndo na direção em que pretendo que ele vá. Reparo no modo como o comboio Vermelho se esbate na distância. Pergunto-me se as pessoas que nele viajam, as que estão sentadas no te-

jadilho, encontrarão uma vida melhor. É muito possível que as suas vidas acabem hoje mesmo.

Ninguém que tivesse escolhido o comboio do Perímetro alguma vez regressou.

A sede da Iniciativa é o único edifício nos Baixios que não está a cair aos bocados. As paredes são feitas de titânio, quase tão espessas como as do próprio Perímetro e, quando as observo mais de perto, consigo ver câmaras de segurança no topo. O logótipo da Iniciativa está pintado nas paredes, um olho gigante que vê tudo.

O comboio começa a parar e toda a gente se amontoa; os que são da minha idade correm para o portão em frente do edifício. Os mais velhos, os que escolheram o comboio errado, correm para os pauis, esperando desaparecerem entre a vegetação, antes de serem alvejados.

Metade dos que entram neste edifício já não irão sair. Pelo menos, não sairão vivos.

Olhei para a rapariga que estava ao meu lado. Oxalá tivesse uns sapatos de salto alto como os dela. São encarnados, brilhantes e bicudos. Ela sente-se muito orgulhosa, como se tivesse matado alguém para os adquirir. As suas cicatrizes dão a entender que talvez o tivesse feito. Eu devo ter cerca de um metro e sessenta e sete com as botas de couro da minha mãe, que já estão muito usadas e têm a pele estalada. De súbito, sinto que não tenho qualquer hipótese.

Um funcionário da Iniciativa aproxima-se de mim, com um leitor do número de catalogação na mão. Ergue-mo ao nível da testa e ouço a máquina a lê-lo em voz alta. «72049. Meadow Woodson».

As sobranceiras do homem arqueiam-se por instantes. — Woodson? — pergunta-me. — Tens um irmão?

Suspiro. Era a última coisa que eu poderia desejar que acontecesse. — Isso é importante? — questiono, e levo uma mão à boca. Tenho a concha de estimação da minha mãe, prateada e brilhante por baixo do sol quente, pendurada numa pulseira. Fico à espera que ele me corrija com um estalo na cara. A minha outra mão dirige-se à parte de trás da minha cintura, onde escondi o punhal do meu pai. Mas o funcionário limita-se a estudar-me por momentos, com um sorriso nos lábios. Depois volta-me as costas e começa a percorrer a fila de pessoas formada à pressa.

No interior do edifício, as ventoinhas no teto parecem imitar o som

de uma bateadeira, mesmo por cima da minha cabeça. Um outro funcionário da Iniciativa manda os rapazes para a esquerda e as raparigas para a direita. Levam-nos para a sala de espera. No momento em que aí entro, tenho vontade de dar meia-volta e sair. As paredes adquirem um brilho trémulo e os Alfinetes Pretos, do chão ao teto, enchem qualquer centímetro quadrado do espaço. Cada um deles já pertenceu a um cidadão. As nanites foram removidas, recicladas para outras pessoas. Mas os Alfinetes têm o nosso número de catalogação. Cada um deles representa alguém que talvez tivesse chegado a este edifício com a esperança de arranjar um emprego, que esteve de pé neste mesmo chão e talvez tivesse pensado as mesmas coisas em que estou agora a pensar.

Finalmente conduzem-nos através de um longo corredor branco, até uma sala demasiado pequena para o nosso grupo. Amontoamo-nos em cadeiras e sofás. Alguns sentam-se no chão, outros ficam de pé, e duas raparigas começam a disputar uma com a outra um lugar na parte da frente da sala. Ambas são removidas pelo funcionário da Iniciativa.

Outra rapariga não respeita o Quarto Mandamento: *Não manterás objetos úteis dos Dias Passados*. Ela mexe-se e uma coisa pequena cai-lhe do bolso: uma moeda. A rapariga é removida juntamente com as outras. Pergunto-me se terão famílias em casa que irão passar fome devido à falta de tato que as três revelaram.

Acomodo-me num sofá de couro branco que parece colar-se à parte de trás das minhas coxas. Ao meu lado, está a rapariga com os sapatos encarnados. Estamos tão juntas que as nossas pernas se tocam. Ela tem um ar rude, com uma cicatriz irregular numas das faces.

— Bonito — comento, sorrindo e acenando afirmativamente com a cabeça ao ver a cicatriz.

— Também tu — diz ela, avaliando as pequenas cicatrizes que me cobrem os braços.

Sentamo-nos em silêncio durante algum tempo, enquanto as raparigas começam a ser chamadas, em pares, para a sala de testes. Não demora até a divisão estar tão quente que começo a sentir o suor a escorrer-me pelo pescoço. Depois do que me parece demorar horas, já não há mais ninguém a não ser nós as duas.

— Devemos ser a seguir. — Ela volta-se para mim. — Tu não tens qualquer hipótese.

— Já iremos ver quem é que de lá sai com um emprego. — Mantenho

as mãos paradas no colo. Estão suadas e eu gostaria de as limpar, mas não o faço. — Se ainda tiveres algumas dúvidas... serei eu quem eles escolhem.

Encolhe os ombros e, então, a porta em frente de nós abre-se. Um avaliador, com um grande *NoteScreen* na mão, chama os nossos nomes. Ambas nos levantamos e seguimo-lo.

Suspiro devido ao choque quando entramos. É como se me tivessem atirado para uma piscina de água fria. Ar condicionado... Quem sabe quanta energia estarão eles a gastar para manter hoje este local fresco? Consigo reparar que a outra rapariga também teve a mesma reação.

Há câmaras ao longo das paredes desta sala. Avançamos e sentamo-nos ao lado uma da outra em cadeiras metálicas. Existe aí um avaliador com um crachá em cima da secretária. Esse crachá será para a que ficar com o emprego. Olho de soslaio para a rapariga assustada. Ela também me observa e eu começo a pensar qual irá ser o momento em que terei de a matar.

— Woodson? — O avaliador levanta-se. O seu cabelo castanho está muito esticado para trás como se lhe tivesse espalhado uma colher de óleo.

Passo com as palmas das mãos pelos meus calções de ganga. O tecido está muito usado e um pouco esfarrapado, e eu sinto-me tão pouco preparada, tão despida, tão pequena, que creio que a sala poderia engolir-me por completo.

— Sou eu — gaguejo.

Ele olha muito para mim. — Levanta-te.

Empurro a cadeira para trás e tento acalmar os nervos quando ele avança para me examinar. — És franzina — diz ele, a olhar-me de alto a baixo, e eu ranjo os dentes.

*Está caladinha, Meadow.*

Seria fácil matá-lo, pôr-lhe as mãos em volta do pescoço e olhá-lo bem nos olhos enquanto ele desse o último suspiro. Em vez disso, cravo as unhas na palma das mãos.

Ele olha para o *NoteScreen*. Passa a língua pelos lábios. — A tua mãe... — diz ele, com uma voz amarga. — Lark Woodson.

— Conheceu-a?

Ele escreve no ecrã do *NoteScreen*. Sei que não devemos falar a não ser que nos perguntem qualquer coisa.

— Conhecemos toda a gente. Mesmo as pessoas mais insignificantes. — Não tento olhar para outro lado enquanto ele me vai avaliando. — Será que ela te ensinou alguma coisa... que valesse a pena?

— Claro que sim. Será que a sua mãe...

— A minha ensinou-me a distinguir o que presta do que... — Observa-me novamente de alto a baixo. — Já alguma vez infringiste um dos quatro Mandamentos, cidadã?

— Não. Eu sei honrar a Iniciativa.

— És uma mentirosa desprezível.

Mas ele não tem provas. Este indivíduo não me conhece. Deveria dar-lhe a conhecer quem eu realmente sou. Mas depois, penso no rosto da Peri. Ela merece o meu esforço, de modo que lhe digo o que o meu pai me disse para dizer. — Sou forte, sei cozinhar. Fui eu quem praticamente criou a minha irmã mais nova. Hei de trabalhar no duro, se mo permitir. Aceitarei qualquer coisa que tenha para me oferecer. A minha família precisa que eu fique com este emprego.

Ele dá um suspiro fundo e continua a escrever no *NoteScreen*. Faz uma careta de nojo. — Isso é o que todas dizem, miúda.

Quando a minha companheira se levanta, parece um soldado, orgulhosa e forte, apesar dos saltos altos encarnados e do vestido largo, que lhe balanceia em torno das ancas. O avaliador interroga-a também acerca dos pais. Mas já não existe azedume no seu tom. Nada do que diz a faz parecer desmerecedora do seu tempo. Ele parece satisfeito com todas as suas respostas. São consistentes e ela nunca diz coisas incorretas.

Sento-me quieta e de cabeça levantada, embora tenha o coração quase a sair-me do peito. Sei que já chumbei. É impossível que, na presença desta rapariga, eu tenha ganhado.

O avaliador abandona a sala, levando com ele a minha adversária.

Uma mulher entra, toda vestida de branco, o que faz com que a sua pele pareça também mais pálida. Não me diz nada, limitando-se a espetar-me uma agulha no braço e a tirar sangue. Examina-me os olhos e, embora eu saiba que não sou daltónica como o Koi, sinto-me mais descontraída quando ela me diz que não tenho problemas de visão. Examina-me a capacidade auditiva, a minha capacidade de reação. Faz com que eu caminhe numa linha reta, me equilibre só num pé, e depois noutro. Vou estudando o seu rosto durante todo o processo, tentando descobrir se também chumbei nestes exames, mas ela nada deixa transparecer,

limitando-se a fazer anotações num *NoteScreen*, com os lábios franzidos. É uma muralha tão espessa como o Perímetro.

Não me sinto humana. Sinto-me como um rato apanhado num labirinto.

A seguir vem o exame em papel. Respondo a perguntas acerca das minhas competências, como pescar, coser, e como limpar da forma mais correta uma ferida infetada. Há uma lista de empregos que me poderão ser atribuídos se eu passar: levar lixo para o Cemitério, trabalhar num hospital, trabalhar na Sala de Rações Alimentares, atividades de pesca, como o meu pai... O pior emprego é ter de prestar assistência a um membro da Iniciativa. Respondo o melhor que sei e posso, e agradeço à minha mãe ter-me ensinado a ler e a escrever. Quando chego à parte em que me perguntam qual é a minha maior fraqueza, deixo o espaço em branco.

Um homem entra e senta-se diante de mim. Tem uns olhos azuis que me deveriam lembrar o mar, mas parece tratar-se de uma pessoa doente e eu sinto uma dor no estômago. — Percebes por que razão estás aqui hoje? — pergunta-me.

Pigarreio. — Porque procuro uma oportunidade de poder ganhar alguma coisa para ajudar os meus familiares — respondo.

— Tens um pai, um pescador. Tens um irmão, que tem vinte e um anos, e uma irmã com sete. A tua mãe já morreu.

— Sim, senhor.

— Porque pensas tu que mereces ter um emprego? Já há uma pessoa que ganha para a tua família. O teu pai recebe um saco de rações alimentares por semana, tal como as outras famílias. Se ele trabalhar bastante e obtiver créditos suficientes, dar-lhe-emos a oportunidade de poder obter outras coisas menos necessárias, para vos manter confortáveis. Será que és gananciosa?

Baixo os olhos. — Porque não é o suficiente... — digo eu. Quero dizer mais qualquer coisa. Quero gritar-lhe, fazer com que ele perceba como é horrível ver como a roupa da Peri lhe assenta tão mal, e como o rosto do Koi se entristece sempre que ele olha para ela.

Ele recosta-se melhor no seu cadeirão e ri-se com um breve latido, semelhante ao de um cão. — A Iniciativa já vos dá o suficiente.

— Mas nós somos quatro — riposto. — Vivemos com rações que deveriam ser para duas pessoas. Há uma criança que está a crescer de dia para dia. Ela precisa de mais.

— Assim sendo, deveriam aprender a racionar melhor — esclarece ele. — O teu pai deveria trabalhar mais e ganhar mais. — Volta a recostar-se e põe uma mão na têmpora. — Serias alguma vez capaz de roubar qualquer coisa da Iniciativa, Woodson?

Não estava à espera dessa pergunta. Sinto o meu coração a acelerar ainda mais. — Não seria suficientemente estúpida para o tentar — respondo, mas a verdade é que seria capaz de o fazer, se precisasse. Para manter a Peri viva, era mesmo capaz de matar este homem neste momento, com as minhas próprias mãos, se tal fosse necessário.

— Muito bem — diz ele, encolhendo os ombros. — Uma última pergunta — acrescenta, debruçando-se sobre a secretária: — Estarás disposta a lutar pelo que queres?

Olho para as minhas mãos. Ainda tenho sangue nas unhas depois da luta com o Koi na noite anterior. — Sim, luto sempre pelo que quero.

O homem sorri, pela primeira vez. — Muito bem — diz ele. Faz mais uma anotação. — Ótimo.

Levanta-se, dirige-se para a porta e deixa-me sozinha. Há um relógio na parede, um dos antigos que fazem tiquetaque, mantendo um ritmo constante, e não demora até que o meu coração comece a bater em sintonia com o relógio. Fico encharcada em suor.

Finalmente, a porta abre-se e a minha adversária entra com um ar muito convencido, como se já tivesse sido escolhida.

Cai-me o coração aos pés. — Parabéns — apresso-me a felicitá-la, mas ela abana a cabeça.

— Pensei que tinhas sido escolhida — diz-me ela, quase boquiaberta. Reparo que ela não tem um dente.

A porta volta a abrir-se. Ambas nos voltamos. O avaliador entra na sala. Tem um crachá prateado na mão e um sorriso doentio no rosto. — O teste foi inconclusivo. Vocês são as duas excelentes candidatas.

— Que diabo quer isso dizer? — pergunta-lhe a outra rapariga. Em seguida, com um certo humor, atreve-se a dizer: — Então ficámos ambas empregadas?

Julgo ouvir a voz do Koi.

*Só uma pessoa sairá viva.*

*Irás fazer o que eu não consegui fazer.*

O avaliador segura o crachá entre dois dedos, um prémio que ele se põe a balançar diante de nós. — A Iniciativa está à procura de alguém para

o Departamento de Rações Alimentares. Alguém que saiba desenvencilhar-se. Os cidadãos, às vezes, perdem aí as estribeiras, como vocês devem saber. — Ele deixa que o crachá caia no chão. Eu quero apanhá-lo, apertá-lo contra o peito, nunca o largar. — É pena — diz ele — que só uma de vocês possa trabalhar para nós. Mas é isso que dá um certo picante à coisa, não acham? — Ele ri-se, fazendo oscilar o corpo para a frente e para trás.

— A que ficar com o crachá deverá ir até à sala ao lado para processar alguns dados. — Com isso, volta-se e abandona a sala.

Há um momento de silêncio. Eu e a outra rapariga mantemo-nos sentadas a olharmos uma para a outra.

Ela olha para o crachá e depois para mim. Tem os olhos tão abertos como conchas de ostras, e eu começo a dar-me conta do que ela está a pensar.

Um crachá. Um emprego. Uma pessoa para as Rações.

Só uma pessoa sairá viva desta sala.

Levanto-me, um segundo antes de ela o fazer, e atiro-me para o chão para apanhar o crachá. Ela cai em cima de mim e ambas nos enredamos uma na outra, a esgatanharmo-nos com as unhas, aos murros, a lutar-mos por aquilo de que ambas necessitamos tão desesperadamente. Ela é rápida, mas não está tão bem treinada como eu. Tenta empurrar-me contra o chão, mas os seus murros são irregulares e tem os braços muito rígidos, como se fossem feitos de madeira. Atiro-a contra a parede e reparo que a cabeça dela bate com força. Por momentos, parece desorientada. Levanta-se e corre na minha direção. Eu desvio-me no último momento e vejo-a espalhar-se pelo chão fora, já sem fôlego e desatenta.

Começo a pensar que ela não teria ganhado aquelas cicatrizes a lutar a sério. Provavelmente marcou-se a si mesma para parecer mais forte aos olhos dos seus inimigos. Não é mal pensado, mas é também um sinal de verdadeira fraqueza. Parte de mim quer parar de lutar com ela. Nem sequer teve uma hipótese de me roubar o lugar.

*Irás fazer o que eu não consegui fazer.*

*Matar ou ser morto.*

Não tenho outra alternativa. Ela pega no crachá e eu agarro-a pelos ombros e bato-lhe com a cara contra o chão.

— Dá-me já isso! — grito. Ela tenta voltar-se. Pego-lhe num braço e torço-lho por detrás das costas, como uma asa de pássaro partida. — Tu não vais ganhar — digo-lhe, mas ela continua a debater-se e a gritar como um animal.

— Então mata-me — diz-me ela aos gritos. — Mata-me e serás igualzinha a eles!

Levanto a mão e grito, sentindo o punho a bater-lhe no crânio, mesmo por cima da têmpora. O corpo dela parece ficar sem forças.

Retiro-lhe o crachá da mão e depois volto-me para a porta.

No entanto, não há puxador. Não consigo sair.

Começo então a dar murros na porta e a gritar: — Já tenho o crachá. Deixem-me sair!

Nada. Ouço um ronco atrás de mim. Os olhos da rapariga começam a abrir-se.

*Só uma pessoa sairá viva dessa sala.*

— Ela está arrumada! — digo eu bem alto, junto à porta. Olho para as câmaras. Levanto o crachá bem alto. — Já fiz o que tinha a fazer!

Nada. Deslizo pela parede e fico sentada, à espera. O tempo parece que nunca mais passa. Consigo ouvir gente a andar, para lá da porta, ouço gritos, vindos de qualquer lado, e sei que há outra pessoa que está a fazer aquilo que eu ainda não fiz.

É óbvio. A Iniciativa não me irá deixar sair até que eu faça o que eles querem. Respiro fundo. Isto é aquilo para que o meu pai me treinou. Isto é o que eu tenho de fazer.

Por vezes, temos de renunciar a certos aspetos da nossa humanidade para que possamos continuar a viver.

Tiro o punhal da cintura e dirijo-me à rapariga. Vejo que ela tem a cara ferida e cheia de sangue. Ergo o punhal mesmo por cima do seu coração.

Os olhos dela abrem-se e fixam-se nos meus.

Azul. A cor favorita da Peri.

— Acaba com isto! — diz-me ela, entre lágrimas. — Quero morrer. Acaba comigo. *Por favor.* Não temos outra escolha.

— Vou ser rápida — murmuro.

E espeto-lhe o punhal direito ao coração.

## CAPÍTULO 6

### ZEPHYR

Quando o trabalho de recolha acaba, já enchi três carros. Cada semana parece haver mais. Os carros movem-se a energia solar e são desenhados para poderem puxar o peso dos cadáveres. Depois vamos entregá-los na Sede das Sanguessugas. A Talan vai para a rua comigo. Durante o dia, não é perigoso andarmos pelas vielas, longe da multidão. Mas logo que o Sol se põe, quando as Horas da Escuridão se avizinham, toda a gente começa a andar pelo meio da rua, tentando absorver os últimos segundos de luz, antes que a noite profunda se instale.

— Há dez anos que te conheço, e tu ainda fazes o mesmo todas as noites. É aborrecido — diz-me a Talan. Dá-me o braço e põe-me a cabeça no ombro. — Porque não vens antes para casa comigo? Posso ensinar-te a fazeres-me tranças...

Reviro os olhos. — Isso parece muito bom, Talan, mas preferia que me espetassem uma faca na garganta.

— É contigo.

Acabamos diante das portas dos Arquivos da Catalogação. Encontram-se abertas todos os dias ao entardecer, durante a Hora de Silêncio. É o que fazemos sempre, e ficamos aí especados, incapazes de entrar. De vez em quando, as portas abrem-se, com um som arrastado, devido aos anos

de uso. Uma lufada de ar pesado atinge-me e, por momentos, penso que talvez possa entrar.

— Vai lá, Zephyr. — A Talan começa a empurrar-me. — As raparigas não querem saber de maricas.

Eu volto-me e vejo-a de mãos nas ancas. Tem uns lábios carnudos que parecem estar sempre num trejeito de choro. Embora ambos tenhamos apenas dezassete anos, ela parece mais velha, sem desfazer. Estendo o braço e puxo-lhe o cinto com um dedo. — Quem diz que preciso de uma rapariga quando te tenho a ti? — Puxo-a mais para mim e encosto a cara à curva do seu pescoço, afastando-lhe o cabelo comprido.

— Mas que porra é esta? Estás a tentar engatar-me? — Olha para mim de boca aberta, meio divertida, meio orgulhosa, e volta a empurrar-me para longe.

— Vamos lá... — digo-lhe a brincar. — Sabes bem que queres isto. — Faço uma pose como se fosse um daqueles modelos ridículos dos quais eu e a Talan vimos algumas fotografias numa velha revista de moda de antes da Queda. A Talan quase chora de riso.

— Para — diz ela, com as mãos no estômago.

Ambos paramos de rir quando se ouve a Sirene Noturna.

— Pois bem — diz-me a Talan, logo que o apito se esvanece. — Enche-te de coragem e entra. — Os braços dela abrem as portas para que eu possa entrar. Sei que ela não virá comigo. Ver a fotografia da filha só lhe irá lembrar de que a morte da Arden é algo que ela não consegue apagar. Não foi culpa dela que a Arden tenha ido dar um passeio quando deveria estar a fazer limpezas. Foi por causa *deles* que ela se perdeu na multidão, foi por causa *deles* que ninguém nos ajudou durante o nosso turno. O sangue da Arden está nas mãos dessas Sanguessugas. Mas a Talan sente-se culpada e nada que eu lhe possa dizer a irá convencer.

— Até amanhã, Zeph. — Volta-se e começa a descer a rua. Invejo a sua força, a sua coragem, mas, bem no fundo, creio que é só porque ela quer morrer, para poder voltar a estar com a Arden.

— Tem cautela — digo-lhe. Ela faz-me um gesto obsceno com o dedo médio, e eu sorrio enquanto a vejo desaparecer na escuridão. A Talan põe-me sempre bem-disposto, mas esse sentimento desaparece quando ouço um estalido, algures no escuro. Sinto um arrepio e entro nos Arquivos da Catalogação.

*Terceiro Mandamento: Honrar a Hora de Silêncio.*

Fico sem fôlego. Começo a recuar. Trata-se de um cemitério virtual. À minha volta, forrando as paredes negras dos Arquivos, estão os números e os retratos dos cidadãos falecidos. Estão todos a olhar para mim.

Há corredores que conduzem a outros locais para além do átrio principal, e eu começo a dirigir-me para a sala 17000. É aí que se encontra o memorial da minha primeira vítima.

Alguns rostos parecem saltar na minha direção, à medida que caminho, deixando que as pontas dos meus dedos continuem a roçar pelas paredes negras. 17530. Apanhei o cadáver dela na semana passada. Lembro-me desse número porque a Talan troçou do seu batom cor de laranja. — Até parece vomitado de gato — observou ela.

Os Arquivos estão em silêncio. Os meus passos são o único som que consigo ouvir, para além da minha respiração nervosa. Há centenas de outras pessoas enlutadas aqui, tantos que as paredes estão ladeadas de pessoas ajoelhadas, a despedirem-se em silêncio dos seus entes queridos.

Continuo a caminhar de cabeça baixa, temendo o momento em que irei ver os seus olhos...

Mas aqui está ele. 17907. Sento-me de pernas cruzadas no chão em frente do seu ecrã, um pequeno retângulo, a tremeluzir tristemente, quando pouse a palma da mão na sua superfície tépida.

Michael Kans. Casado. Pai de três filhos. Pescador. Falecido durante as Horas da Escuridão.

*Brutal e imerecidamente assassinado por Zephyr James*, era o que deveria lá estar.

O rosto do Michael é simpático e enrugado, com um grande sorriso e pés de galinha nos olhos. E eu pergunto-me o que o teria feito sorrir dessa maneira ao tirar a fotografia. Talvez fosse um dos filhos a fazer-lhe caretas. Talvez estivesse a pensar na mulher dele. Ela seria provavelmente muito bonita. Tenho a certeza que a amava.

Sentado no chão, balanço o corpo diante da placa, sem me preocupar com quem me possa estar a ver. O Michael lembra-me o meu pai. Alguém que nunca deveria ter morrido. — Tenho tanta pena... — murmuro entre dentes. Acordei com o sangue dele nas minhas mãos, com o seu corpo mutilado a meus pés, e fragmentos de uma memória que eu não gostaria de reconstituir. Os seus gritos. As minhas mãos a estrangularem-no. O meu coração, forte e calmo, enquanto me certificava de que

o seu coração tinha parado de bater para sempre. Não sei porquê nem quando o fiz. Mas sei que fui eu.

O mesmo se passa com todos eles. — Tenho tanta pena...

Percorro a minha lista de números, visitando cada memorial para lhes prestar homenagem, obrigando-me a *lembrar-me deles*.

Não sou um assassino. Nunca o poderia ser. Não é possível, não o Zephyr James. Não o pobre Programado ridículo que limpa o sangue das ruas todas as semanas, que dá as suas rações às crianças da Reserva, e se certifica de que tudo está bem com a louca e destroçada Talan, e a tenta manter fora de perigo. Não o Zephyr James. Ele não é um assassino.

Mas é. Sou mesmo.

## CAPÍTULO 7

### MEADOW

Nunca vi um homem chorar.

O meu pai nunca chora. Nem mesmo quando a Peri caiu da nossa casa flutuante e quase morreu afogada. Nem mesmo quando a minha mãe morreu. Pelo menos, não à minha frente.

Não. Nunca vi um homem chorar.

Mas precisamente agora, no chão, ao lado da placa da minha mãe, nos Arquivos da Catalogação, há um rapaz que soluça. Já ouvi lamentos pelas ruas, gemidos profundos e gritos agonizantes de fúria, mas o choro do rapaz é quase silencioso. Dou um passo desajeitado na sua direção, mas paro. Poderá ser uma armadilha e, de súbito, a sua fraqueza dá-me repulsa.

— Tenho muita pena... — diz ele, entre soluços. Está agora a olhar para os ladrilhos do chão, com os dedos a tocarem a imagem de uma mulher idosa e morena. Pergunto-me, por momentos, como teria ela morrido, mas depois dou-me conta. Foi assassinada, é claro, como milhares e milhares de outras pessoas neste edifício. — Tenho tanta pena — murmura de novo o rapaz.

— Pena de quê? — As palavras saem-me da boca antes mesmo que eu me aperceba. Disse-o em voz alta.

O rapaz para de se mexer, de respirar. Retiro o meu punhal, mantendo-o contra a minha coxa, caso venha a ser preciso. Isto é estúpido e vai contra tudo o que o meu pai me ensinou. Volto-me para me ir embora. Eu só desejava partilhar o meu triunfo com a minha mãe, mostrar-lhe o crachá que tenho muito bem guardado no bolso. Mas, antes mesmo que possa dar um outro passo, vejo-a. A marca de um Programado, um «X» espesso e negro tatuado na parte de trás do pescoço. A mulher da placa poderia ser sua tia, talvez mesmo sua mãe. E agora ele está sozinho.

Os Programados não têm nada. Ninguém se importa com eles. Para a Iniciativa também nada contam. Poderiam até ser invisíveis.

Tenho lírios na minha outra mão. Arranjei-os quando saía da cidade, a pensar que os poderia dar à minha mãe. Parecem picar-me e, de súbito, sei que não foram escolhidos para o memorial da minha mãe. Pelo menos, não hoje.

Avanço em bicos de pés. Ele tem a t-shirt colada às costas, revelando músculos fortes como os do Koi.

Paro, baixo-me, e ponho as flores no chão, com as pétalas brancas esmagadas quase a tocarem-lhe a ponta dos dedos.

— Eu também tenho muita pena — murmuro, tão baixinho que mal consigo ouvir a minha voz. Depois volto-me e ponho-me a correr. Deixo-o sozinho, no chão encharcado em lágrimas dos Arquivos da Catalogação.

## CAPÍTULO 8

### ZEPHYR

Corro todo o caminho para casa numa tentativa de fugir das trevas.

Perco-me nos movimentos das minhas pernas, no bater descompasado do meu coração. Sou todo corpo, não penso. É bom sentirmos que nada somos, e ainda melhor fazer alguma coisa.

As linhas de comboio dirigem-se para fora da cidade, de modo que as siga. Há muito tempo a cidade era grande. Mas depois, veio um mês inteirinho de chuva que amoleceu o chão, e um enorme buraco engoliu metade dos Baixios. Mantenho-me tão longe desse buraco quanto possível, contornando-o, até chegar ao paul que constitui a Reserva dos Programados.

Começo a andar mais devagar quando me aproximo dos portões. Uma máquina de leitura de números de catalogação irrompe do metal torcido, suficientemente baixa para que eu tenha de me curvar para pôr a testa em frente dela. Ouve-se um clique e os portões abrem-se.

Diante de mim, estendem-se milhares de tendas brancas remendadas, agitadas ao vento, como fantasmas. Charcos de água lamacenta fazem com que o chão pareça um puzzle a que faltam peças, com água tão escura que, por vezes, gosto de pensar que não têm fundo, que eu poderia cair num desses charcos e afundar-me para sempre.

As árvores espalhadas crescem rentes à terra, com ramos espessos que

se estendem como braços de um esqueleto, e, muitas vezes, os meus pés desaparecem na lama e tenho de parar para os poder arrancar de lá.

Umhas quantas fogueiras crepitantes iluminam a noite. — Olá, Zephyr — diz-me um rapazinho. Thomas, acho que é assim que se chama, há tantas crianças que não consigo lembrar-me do nome de todas elas. — Apanhei um esquilo. Parti-lhe o pescoço com as minhas mãos.

Tem o rosto coberto de sujidade. Não há ninguém que o ensine a tomar conta de si. Mas tem um ar orgulhoso por baixo de tudo isso, e sorri para mim como se eu fosse a melhor pessoa do mundo.

— Não te esqueças de te lavar esta noite... — digo-lhe eu, a rir-me. — E parabéns pelo que fizeste ao esquilo! — Ele acena com a cabeça e eu dou-lhe uma palmadinha no ombro ao passar. Outros sorriem também e eu aceno-lhes, enquanto continuo a andar entre as tendas. Muitos deles são mais novos do que eu, mas alguns são adultos que conseguiram sobreviver. Interrompo a luta de um rapaz com uma rapariga, a digladiarem-se por causa de um pão.

A tenda remendada da Talan é mesmo em frente da minha. O meu coração sobressalta-se, como sempre acontece quando espreito lá para dentro para me certificar de que ela está bem. Acalmo-me quando a vejo, enrolada no cobertor.

— Talan — chamo, baixinho.

— Já estou em casa, *paizinho* — diz ela, fazendo um gesto para que eu a deixe em paz.

Quando entro na minha tenda, adormeço logo, no momento em que pouso a cabeça no chão duro.

Passo o resto da noite a acordar por causa dos meus próprios gritos. Todos nós temos pesadelos, mas os meus estão cheios de rostos e de números.

Quando fico finalmente com medo de voltar a adormecer, volto-me no meu saco-cama e começo a arrancar o plástico da aba que constituiu a porta da minha tenda. A noite está estrelada. Mas não são as estrelas que pretendo ver de momento.

É a Lua. A Lua que me lembra de uma rapariga ao luar.

A *minha* rapariga ao luar. Ela é a cura para os meus pesadelos, a única coisa que me faz sentir seguro, quando nem sequer posso confiar nos meus sonhos para me protegerem.

Fecho um olho e levanto o polegar, para cobrir com ele a esfera pra-

teada pendurada no céu. Abro esse olho e fecho o outro, e aí está ela como se por magia. Sempre à minha espera.

Imagino uma vida repleta de felicidade. Uma vida segura, com três refeições por dia capazes de me fazerem sentir cheio. Não há muitas coisas que eu queira.

Exceto as estrelas e a rapariga do luar.

Um dia hei de encontrá-la. Ela deve ser real, não apenas a minha protetora imaginária. Sinto-a, fortemente, como se ela estivesse deitada a meu lado, e hoje, nos Arquivos, alguém me deu flores. É estúpido mas, por instantes, fingi que era essa rapariga, como se ela se tivesse apercebido da minha dor e a quisesse remediar. Consigo quase imaginar-lhe a voz a falar-me ao ouvido, a dizer-me que tudo irá melhorar.

No entanto, estou sozinho esta noite. Fecho os olhos.

Finalmente, acabo por sonhar com algo diferente.

Sonho com um prado cheio de flores brancas amachucadas.



## CAPÍTULO 9

### MEADOW

O meu punhal tem um brilho de prata. Imagino que existem manchas vermelhas na profundidade do aço, da cor do sangue da rapariga com os sapatos de salto alto encarnados.

Coloco-o na bainha, junto à minha coxa, antes de saltar do comboio. Corro o resto do caminho por uma viela deserta que desce até à praia.

O que me assusta é que não me sinto mal pelo que fiz. Matei-a para poder sobreviver. Não por causa de mim mas a pensar na Peri.

Esta noite, a praia está cheia de gente. Começo a andar rapidamente pela areia. Tento ignorar uma mulher que me pede comida. Os seus dentes estão de tal modo podres que ela os consegue arrancar à mão. Vejo-a aproximar-se de mim.

— Vai-te embora — grito-lhe, e vejo-a a cambalear para outro lado.

Esta noite, o bote não se encontra no mesmo sítio, talvez tivesse sido levado para o mar, de modo que mergulho nas ondas e começo a nadar, orientando-me através dos destroços e das manchas de lixo flutuante. Quando vejo finalmente a nossa casa, a Sirene Noturna começou a soar, avisando-me de que as Horas da Escuridão estão prestes a iniciar-se.

O luar ilumina a casa flutuante e o alpendre. A Peri está aí, à minha espera, com a sua camisa de noite branca e os caracóis platinados a on-

dular ao vento. Tantas noites em que minha mãe aí estava... Era o seu sítio favorito, e ela costumava olhar para a costa, a ver o mundo a desaparecer com a luz, com a mesma expressão da minha irmã. Mergulho mais fundo e dirijo-me à nossa saída de emergência, depois saio da água e começo a subir a escada até ao alpendre.

— Meadow! — Peri vem a correr, pressionando o rosto contra mim. Abraço-me a ela. Ela está ainda mais magra do que ontem, se é que isso é possível. Estreito-a muito contra mim. — Conseguiu? Conseguiu o emprego? — pergunta-me.

O meu pai e o Koi emergem lá de dentro e olham muito para mim com um olhar cansado. O meu pai esteve a trabalhar o dia todo. A pescar nas docas tal como os homens dos Baixios. É um bom emprego e, se ele conseguir a sua quota pelo fim do ano, pode trazer para casa um verdadeiro peixe para nós comermos. Por vezes, vamos mesmo ao mercado para comprar mais roupa, uma caixa de fósforos, um pacote de carne seca. Mas essas coisas custam um grande número de créditos, e raramente nos entregamos a esses luxos.

Koi passou o dia a tomar conta da nossa casa flutuante e, o que é mais importante, a tomar conta da Peri. — Bem... — pergunta-me ele. — Que aconteceu?

— Olha para isto! — Sorrio e coloco o crachá nas mãos pequenas da Peri.

— És uma sacana valente — diz ela. Eu fico tão chocada que me começo a rir antes de a repreender. Ela tem um sorriso diferente esta noite. Falta-lhe um dente.

Baixo-me e passo-lhe a mão pelos caracóis — Perdeste outro dente — digo-lhe. — Sabes o que isso quer dizer, não sabes?

— O Koi disse que todos os meus dentes vão cair e que eu vou ficar parecida com um peixe.

Olho para o Koi e este reprime uma gargalhada. — Estás apenas a crescer — acrescento —, é tudo. Em breve serás tão grande como eu! — Faço-lhe cócegas, mesmo por cima das ancas, no mesmo sítio que o Koi me costumava fazer.

O riso da Peri é doce, como música. Ela cai no alpendre de casa, agarrada ao estômago e, por momentos, eu ajoelho-me, ao lado dela, desejando poder fazer com que o tempo parasse.

Em breve o meu pai irá começar a treiná-la. Não quero pensar no que

ele lhe irá fazer, como irá tentar transformá-la numa pessoa dura. Como também um dia ela irá ter de fazer uma escolha: matar ou morrer.

Sei que a Peri será suficientemente forte para sobreviver. É esperta e consegue nadar depressa. Ela até já sabe ler. Eu ensinei-a, usando o livro da *História dos Baixios*. Também já sabe tomar conta de si. Mas só a ideia de a imaginar nas ruas, quase me deixa agoniada. De modo que, em vez disso, tento registar esse momento na minha memória, o seu sorriso, o modo como se ri.

— Muito bem, sosseguem... — diz o Koi. Dou um beijo na face da Peri e ela ri-se, fazendo o gesto de o apagar.

— A tua mãe sentiria orgulho, Meadow. — O meu pai está de pé, atrás de mim, a ver tudo o que eu faço, tenho a certeza. Não sei por que motivo me sinto tão vazia quando a mencionam. Não compreendo porque me sinto tão morta por dentro...

Deveria sentir-me orgulhosa. Mas o Koi está a olhar para mim como se das minhas mãos estivesse a escorrer sangue de alguém. Todos nós sabemos o que aconteceu naquela sala neste dia.

— Ela sofreu? — pergunta-me ele, num murmúrio. Eu abano a cabeça. *Não*.

Os seus olhos encontram os meus, por momentos, antes de dizer outra coisa entre dentes. — Fizeste o que tinhas de fazer. — Depois, sai e vai até à sala do motor.

— É melhor falarmos mais em privado, não acham? — O meu pai coloca-me uma mão calejada no ombro e eu retrocedo. O seu toque significa o cortar de uma faca, uma disputa súbita, um empurrão chocante para o chão. O seu toque significa treino. Nunca significa amor paternal.

Instalamo-nos à proa, ambos sentados de pernas cruzadas em frente um do outro. O motor ressoa por baixo de nós, dado que o Koi o pôs a trabalhar, e, então, a nossa casa flutuante começa a mover-se em silêncio pela superfície do mar. Esta noite o mar parece um espelho.

— Há uma coisa que deves saber — começa o meu pai, com a voz a falhar-lhe estranhamente.

— Sim... — Aceno-lhe com a cabeça, sem saber que mais dizer-lhe.

— É acerca da tua mãe. Que é que te lembras dela, Meadow?

Fecho os olhos e parece que estou a vê-la. Alta, inteligente, com o cabelo da cor da Lua, da cor da concha de estimação que ela me deu na última noite que a vi.

Ela era uma engenheira, era quem consertava sempre o nosso barco quando algo se estragava. E conseguia cantar. Oh, como ela cantava... e à noite, quando estou a dormir, quando sonho com ela, ouço a sua voz. É bela, como a de um pássaro a cantar uma melodia de verão, como o som de água a correr sobre seixos polidos, o vento a tocar numa série de conchas penduradas em fios, que eu fiz para ela para lhe dar pelos anos, há já muito tempo.

— Ela era perfeita. — É tudo o que consigo dizer, porque as lágrimas começaram a cair-me pela cara. Caem nas tábuas do alpendre e espalham-se, quentes e pegajosas no ar da noite.

— Ela não era perfeita — murmura o meu pai.

Ergo de súbito a cabeça. — Como é que alguém pode dizer uma coisa dessas?

— Não foi bem isso que quis dizer... — Suspira, passando a ponta dos dedos sujos pela cana do nariz. — O que quero dizer é... para ti, para os teus irmãos, ela era ótima. Mas Meadow, terás de perceber. A tua mãe era uma mulher perigosa.

Um riso triste sai-me dos lábios. Perigosa? É claro que a minha mãe era capaz de se defender. Todos nós o conseguimos, graças a ela. Mas perigosa? No último mês que ela esteve connosco, vi que as suas forças começavam a abandoná-la, à medida que se recusava aos treinos, e que a sua felicidade também começava a esvanecer-se.

O meu pai continua: — Sabes bem que a Iniciativa controla tudo. Que, por causa deles, já não temos a liberdade de fazer as nossas próprias escolhas. A água já não é nossa para a podermos beber. Não posso trazer para casa o peixe que apanho para que a minha família o possa comer, a não ser que ganhe esse direito. As vidas humanas já não são coisas valiosas, do modo como costumavam ser. Não temos qualquer valor, Meadow. Para eles somos apenas números. Nada mais.

— Estou cansada de saber tudo isso. Mas que têm essas coisas a ver com a minha mãe? — Estou a ficar frustrada, a respirar nervosamente.

— Tens um número parecido com o dela na testa. Todos nós temos. Números parecidos, reconhecíveis.

— E daí?

— Terás de te lembrar de uma coisa. És adulta, com um emprego na cidade. Amanhã irás adquirir uma Esfera de Créditos. Esta irá registar todas as tuas horas de trabalho, as rações que ganhas, e a Iniciativa passará a

andar de olho em ti, muito mais do que antes. As coisas *irão* mudar. Terás de estar *sempre*, sempre pronta para te defenderes.

Não creio que ele esteja a fazer qualquer sentido. Sinto-me como se me tivessem batido na cabeça com uma viga de construção, e tudo me parece confuso, a zunir à minha volta como um moscardo. Por que motivo quere-rão andar de olho em mim? Não sou uma pessoa importante. A minha mãe não era uma pessoa importante. Nenhum de nós o é. Mas não tenho tempo para pensar muito nisso, porque, de súbito, reparo num brilho prateado. O meu pai atira-se a mim com o punhal na mão, de um modo feroz e silencioso. Mais rápido do que eu alguma vez vi alguém investir.

Levanto-me e dou um grande salto para o lado, por cima da borda da casa flutuante. O arame farpado apanha-me nesse processo.

Caio à água que me enche as narinas. Tento chegar à superfície e saio das ondas a tempo de ver o meu pai a abanar a cabeça sob o luar.

— Raios partam! — grito, furiosa, por ele me ter atacado de surpresa. — A que propósito...?

— Foi uma lição — diz-me ele. — Nada para terra e regressa amanhã. Precisas de prática para sobreviveres sozinha às Horas da Escuridão.

Ele volta-se e desaparece dentro de casa.

Uma hora depois, arrasto o meu corpo dorido para terra. A areia quente nunca me pareceu tão agradável como agora, contra a minha face. Espero, até ganhar fôlego, em seguida, dirijo-me para as árvores. Escolho a mais alta e começo a trepar. E, à medida que vou subindo em silêncio, ramo a ramo, não posso deixar de pensar se as palavras do meu pai eram verdadeiras. Eu adorava a minha mãe. Mas será que, de facto, a conhecia? Começo a pensar no modo como ela estava sempre atenta, sempre alerta, como um predador.

Como eu.

A minha pulseira prende-se numa ramagem, e paro por momentos. O luar ilumina a prata polida. Há um desenho estranho e arredondado nessa concha de estimação, linhas umas por cima das outras, em todas as direções. A minha mãe nunca me disse o que esse desenho significava. Penso nas horas sem fim que ela passou metida num armário junto à sala do motor da nossa casa flutuante, com a porta fechada à chave. Era o único lugar para onde nunca podíamos ir, a parte proibida da nossa casa. Lembro-me de como ela tinha sempre os olhos vidrados quando de lá saía. O modo como ela remava para longe de casa e desaparecia

durante horas. Quando regressava a meio da noite, beijava-nos a todos e punha-se a cantar, mas tinha sempre lágrimas ao canto dos olhos.

A minha mãe tinha segredos só dela. Como toda a gente nos Baixios.

— Não podes fugir ao teu destino, Meadow — murmurou-me ela ao ouvido, na última noite que a vi.

Olho para o desenho arredondado gravado na concha da pulseira que ela me deu.

O vento sopra e eu tremo, ainda que o ar esteja quente.

Hei de descobrir de que é que o meu pai estava a falar.

Hei de descobrir quem matou a minha mãe.

E, quando o fizer, hei de dar cabo deles, dolorosamente e devagarinho.

## CAPÍTULO 10

### ZEPHYR

O cimento rachado e os edifícios delapidados da cidade são muito diferentes dos pauis salgados, onde se diz que tudo pinga sangue e que as noites ressoam com os gemidos dos Programados moribundos. É claro que nada disso é verdade.

Mas queremos que as pessoas continuem a pensar assim. Há cores nos pauis. Castanhos e verdes, e os sons que não provêm das pessoas. Ninguém nos incomoda. É o único pedaço de liberdade que temos em relação às Sanguessugas.

O trabalho à segunda-feira começa bem cedo, antes do nascer do Sol. Talan caminha a meu lado e, juntos, empurramos um segundo carro grande, cheio de corpos mutilados e torcidos, com membros já escuros, que levamos para a Sede das Sanguessugas. Os nossos passos ecoam fantasmagóricos. Apenas as luzes de segurança permanecem acesas.

— Poderia comer cinco sacos de rações neste momento. — A Talan vai conversando, como de costume, ignorando por completo os cadáveres que começam a abanar quando o nosso carro passa por um desnível no chão. — Para dizer a verdade, podia comer um destes tipos! — Ela levanta um canto da lona encerada e eu sinto um cheiro a morte. Aquele indivíduo morreu apenas horas antes de ser recolhido.

— Bolas, Talan. Isso é nojento. Cala-te e continua a puxar o carro.

Chegamos à porta do Crematório e eu já consigo sentir o calor. Por vezes penso que nunca mais irei parar de suar. Eternas gotas a deslizarem-me pelas costas. Inclino a cabeça para o leitor mecânico, um longo retângulo negro que vai do chão até ao teto. A porta abre-se com um som arrastado e eu e a Talan empurrámos o carro lá para dentro.

O rugir da fornalha é semelhante a água a correr com muita força, ou ao motor de um dos barcos das Sanguessugas a tentar pegar. Após anos a trabalharmos juntos, eu e a Talan temos uma rotina. Eu passo um leitor portátil pelas testas dos mortos, que está ligado por um fio à parede. A Talan evita vomitar enquanto levantamos juntos os corpos e os atiramos para a fornalha. O barulho é muito, e eu não consigo perceber o que ela me está a dizer. Graças a Deus. Pois, de qualquer modo, não estou disposto a ouvi-la. Tudo o que quero é pensar *nela*. Na rapariga dos meus sonhos.

Parece uma coisa estúpida, como um conto de fadas, ou como uma espécie de história melada que a Talan não hesitaria em comprar se tivesse créditos para isso. Mas todas as noites essa rapariga lá está, com o cabelo platinado a descer-lhe em ondas até à cintura, como luar líquido, com olhos cinzentos da cor do mar quando está prestes a desencadear-se uma tempestade.

Ela não é bonita. É diferente, rígida e intocável, como se tivesse sido esculpida em pedra. No entanto faz com que eu mantenha a minha sanidade quando mais nada resulta. É como se ela me pusesse os pés bem na terra, como a gravidade, só que com muito mais força. Ela protege-me das pessoas sem rosto que me perseguem todas as noites e a cada instante do meu dia.

Há doze. Doze números. Doze seres humanos.

Matei-os a todos com as minhas mãos.

## CAPÍTULO 11

### MEADOW

Quando eu era mais nova, a minha mãe mostrou-me umas fotografias de algo onde costumava ir, um jogo de basebol. Ela disse-me que a mãe lhe pegava ao colo durante o tempo todo para que ela não se perdesse nesse esmagador mar de gente que ocupava o estádio. Preocupava-a ficar separada da mãe, ser empurrada para tão longe que nunca mais a visse.

Lembro-me do medo que senti quando vi a fotografia. — É como os Baixios — comentei. — Eu vou perder-te, não vou?

— Tu nunca me irás perder, Meadow — dizia-me com um sorriso.

E nessa ocasião acreditei nela.

Para todo o lado que me volte, na cidade, há um outro rosto. Outros números de catalogação, outro corpo quente e suado encostado ao meu. É asfíxiante. Se tropeçasse e caísse, desapareceria, e ninguém se iria preocupar ou importar-se com isso.

— Cuidado! — exclama um homem mal-humorado que eu acabei de pisar. Não tive a oportunidade de lhe pedir desculpa pois a multidão já o tinha engolido.

À distância consigo ver o Edifício da Catalogação, uma construção que parece roçar a parte de baixo das nuvens. É o único edifício da cidade que não está coberto de pó nem de porcaria, de cartazes esfarrapados

que proclamam: «O Assassínio é uma Loucura. Permaneçam Seguros com a Iniciativa.»

Passo pelo prédio de apartamentos onde costumávamos viver. Eu tinha três anos quando a Iniciativa se apoderou de tudo e não me lembro de muita coisa. Lembro-me da dor, quando me tatuaram o número de catalogação na testa. Lembro-me de chorar até adormecer, e a minha mãe abrir a janela do meu quarto para que o ar da noite me acalmasse. Agora essas janelas estão entaipadas com pedaços de madeira velha recolhidos nas lixeiras. Vejo um triciclo ferrugento junto aos degraus. Um casal de idosos passa por mim, com os seus pertences. Talvez para tentarem atravessar o Perímetro, como muitos outros, pensando que a segurança fica apenas a uma breve caminhada e que vale bem uma vida inteira cheia de créditos. Talvez a pensarem que, para lá dessa barreira, a vida continua igual ao que costumava ser.

Ainda pensei voltar-me para lhes dizer que fossem para casa. Eles estão a infringir o Segundo Mandamento: *Não tentarás atravessar o Perímetro.*

Pensei avisá-los de que, se se aproximarem muito, a Pulsação enviará uma onda de choque que os paralisa. Eles provavelmente sabem isso. Devem conhecer os riscos, mas talvez o perigo já não lhes meta medo.

Corto à esquerda quando chego à biblioteca.

O meu pai levou-me lá só uma vez, quando tinha créditos para entrar. Retirou um velho livro da estante e limpou-lhe o pó. Ainda me lembro de como esse pó me fazia cócegas no nariz à medida que se espalhava no ar. O meu pai passou-me o livro. Era pesado, como uma âncora.

— Pega bem nele, Meadow — recomendou-me. — Pega nele e foge daqui para fora.

E foi isso que fiz. Consegui passar pelas barreiras de segurança, com a cabeça muito levantada, com os caracóis platinados desviados dos meus olhos, de modo a poder ver para onde ia.

Não fazia ideia que os alarmes se poriam a tocar assim que eu saísse para a rua. E então começaram a tentar apanhar-me. Os seguranças da Iniciativa, vindos não sei de onde...

O meu pai não me veio ajudar. Desviou a cara, como se não me conhecesse.

Consegui chegar a casa antes de escurecer, ainda agarrada à *História dos Baixios*. Sou forte por causa do meu pai. Sei que não preciso de alguém para sobreviver.

De modo que, quando agora três Espaciais, membros de uma quadrilha de rua, se aproximam de mim numa travessa por detrás da biblioteca, empunhando facas ou com o cano prateado de uma pistola apontado ao meu coração, sei que estou pronta.

— Olá, querida. — A voz do primeiro homem é áspera, como a de um velho fumador. Ele olha para o meu crachá com a ânsia desesperada de um homem esfomeado. — Não me pareces suficientemente crescida para trabalhares. Porque não te tiro isso das mãos?

— Podia vender essa porra por cem créditos, patrão — sugere o homem da pistola.

— Ou duzentos, se o vendêssemos à Iniciativa — alvitra o terceiro a rir-se.

— Vai custar-vos muito mais do que créditos tirar-me isto! — digo eu, enquanto eles se aproximam. Consigo cheirar sujidade humana e álcool. O primeiro Espacial alcança-me, põe-me a mão num dos seios, enquanto o segundo vai por detrás de mim, tão perto que quase posso imaginar o seu peito a mexer-se a cada respiração. Sei o que planeiam fazer.

Como teriam arranjado eles uma pistola... Não sei bem... As pistolas não abundam. O meu pai tem uma como essa, antes de o Perímetro ter sido construído. Está escondida por baixo das tábuas do chão da nossa casa flutuante. Ver uma igual ajuda-me a controlar-me e a ficar de cabeça fria.

Tiro o crachá que trago ao pescoço e atiro-o para a rua.

O primeiro é fácil, é como asfixiar uma criança. Cai no passeio e eu arranco-lhe a pistola da mão.

O segundo investe contra mim, mas eu sou mais rápida. Desvio-me da sua lâmina e encontro o cabo do meu punhal. Enterro-lhe a lâmina no peito sem a mínima hesitação. Ele cai no chão e eu desfaço-lhe o nariz com o salto da minha bota.

As ruas estão tão cheias de gente que ninguém me ouve alvejar o terceiro.



## CAPÍTULO 12

### ZEPHYR

O fundo do carro de transportes de cadáveres é de um vermelho carregado.

Depois de termos incinerado o último corpo, eu e a Talan empurramos o carro para a arrecadação e arrumamo-lo juntamente com os outros. Esta noite, um sistema de limpeza, instalado no teto do local, irá lavar o sangue de todos eles.

Mas os mortos ainda estarão mortos. Nada poderá mudar esse estado de coisas.

— Existe um edifício na South Street cheio de porcaria — observa a Talan. Eu seguro a porta para ela entrar, mas ela encolhe os ombros quando passa por mim e abre uma outra. Sempre independente. Nunca aceita ajuda de ninguém. — Apetece-te fazer de criado durante umas horas? Para ganhares mais alguns créditos?

— Não, mas há uma prostituta na Fifth que só tem um olho — digo-lhe. — Empristas-me alguns créditos?

— És tão simpático... — Talan empurra-me os ombros. — Se vais a uma prostituta, eu poderia fazer esse serviço.

— Nem pensar. Que nem te passe pela cabeça...

Passamos por cima de um homem que está a dormir no meio da rua, e a Talan rouba-lhe o chapéu. — Ainda estás a pensar no miúdo, não é?

Ela conhece-me muito bem.

Não um rapaz que eu tivesse assassinado. Não uma vítima.

Apenas um Programado, e para mais um novo...

Oito anos de idade. Sem um dente, com o cabelo castanho-escuro, da mesma cor do meu. Ele apareceu na semana passada com um funcionário Sanguessuga, com um «X» tatuado de fresco na parte de trás do pescoço. A cara do rapaz tinha marcas de lágrimas, e não sei se ele, desde então, já teria parado de chorar.

— É como voltar a ver a minha vida num filme — digo eu a Talan. O boné fica-lhe bem, mas só o irá tornar um alvo para outras pessoas. Toda a gente quer o que não é seu. Tiro-lho da cabeça e atiro-o para a valeta. Ela começa a rabujar, mas é um jogo a que nós brincamos muitas vezes. Em breve irá roubar outra coisa.

No fim, talvez seja apanhada a fazer isso, e então será mais uma pessoa para as Sanguessugas alvejarem na cabeça. Um alvo vivo. — Qual é a palavra que eles usam, será cleptomaníaco?

— Chama-se pedir emprestado — corrige a Talan. — Não se chama roubar.

Se um dos Vendidos visse a Talan a roubar, levá-la-iam até às Sanguessugas para obterem um bom pagamento. Quando os Vendidos apanham um Programado a infringir um Mandamento, ganham bastante, pois as Sanguessugas não podem ver *tudo*. Já veem muito, mas não tudo.

— Na verdade, sinto-me com vontade de limpar esse edifício.

— Nem penses nisso — diz-me a Talan. Ela pega-me num braço e faz-me parar. Volta-se de frente para mim, com os seus olhos azuis a brilharem friamente. — Não vou fazer um trabalho para que possas dar os teus créditos a um órfão qualquer. — Põe uma mão na anca. Uma coisa que a Arden costumava fazer. — Se o pai desse rapaz não tivesse morrido, o filho não estaria agora na Reserva. Não te compete a ti resolveres o problema.

— Mas alguém terá de o fazer.

— Tu não tens de tomar conta de toda a gente — diz a Talan. — As pessoas morrem. As crianças tornam-se Programados e o mundo é uma montanha de trampa, e daí? Não há nada que possas fazer acerca do assunto.

Ela passa-me um braço pela cintura e começa a conduzir-me pela rua.

O comboio passa por nós e faz tremer o chão por baixo dos nossos pés. Passamos pelo Cemitério, para onde vão todos os cidadãos malucos, os que enlouqueceram nos Baixios. Existem duas torres entre as monta-

nhas de lixo que estão sempre a fumar vapor de água, de modo que todo o lugar parece um mórbido ponto de reunião de fantasmas.

— Talvez tenhas razão acerca de ajudar pessoas — observo eu, pisando um saco de plástico que se põe a dançar ao vento —, mas, se me faz sentir melhor... porque não?

Ouçó-a suspirar fundo. — Porque há de sempre haver novos Programados. Haverá sempre gente para tu tomares conta — diz ela.

— Mas se puder ajudar *apenas um*... — Mas ela interrompe-me.

— Para de te armares em santo. E, de qualquer modo, já estás ocupado a tomar conta de mim, meu amigo. E olha que ainda bem, porque se trata de uma coisa que tens de fazer a tempo inteiro.

Pousa a cabeça no meu ombro e vamos a caminhar calados até à Reserva.



## CAPÍTULO 13

### MEADOW

A primeira vez que eu entrei no Salão das Rações Alimentares, a minha mãe ainda era viva.

A Peri ainda era um ser pequenino na sua barriga, nesse tempo, a crescer cada vez mais. Vivíamos num apartamento numa ponta da cidade e, se bem que os assassínios ainda não tivessem começado, o mundo estava longe de ser um local seguro.

— Não quero ir — implorei à minha mãe. Eu queria ficar em casa, sentir a Peri a mexer e ouvir a minha mãe a contar-nos histórias. Em vez disso, ela deu-me um beijo na testa e pediu-me para ir com o meu pai. — Tem cuidado — recomendou-me ela. — Faz o que o teu pai te disser — disse ela ao Koi.

Ainda me lembro do som das três fechaduras, quando saímos do apartamento.

O Koi agarrava-me muito na mão, para eu não me perder. Tinha a palma da mão suada, húmida, como se tivesse acabado de sair do mar, e continuava a olhar para mim, como se eu fosse simplesmente desaparecer e nunca mais voltar.

O meu pai manteve os olhos na estrada o tempo todo, sem nunca se importar connosco, sem nunca abrandar, quando tínhamos dificuldade em abrir caminho entre a multidão.

No momento em que entrámos no Salão das Rações Alimentares, vi logo por que motivo o meu pai queria que viéssemos.

*Comida.*

Havia comida disposta por detrás de uma parede de vidro de modo a podermos vê-la. O Koi largou-me a mão. Foi direito à parede e pegou num saco de rações, muito orgulhoso por arranjar comida para a nossa família.

Eu gritei. Queria segui-lo, tal como fazia sempre, mas o meu pai mandou-me calar.

— Vocês podem ambos aprender com isto, Meadow — observou ele. Olhei para trás das costas do meu pai, à medida que um soldado da Iniciativa punha uma pistola contra a cabeça do Koi, com o dedo pronto a puxar pelo gatilho.

Em troca da vida do Koi tivemos de nos vir embora, o meu pai com um olho negro e sem um único saco de rações para a semana. Tivemos sorte que a Iniciativa não nos tivesse assassinado.

Nessa noite, o meu pai acorrentou o Koi à mesa da cozinha e obrigou-o a dormir de pé. — Tens de trabalhar para mereceres — avisou-o ele. — Nada que a Iniciativa nos ofereça é grátis.

Há uma fila de pessoas em frente do Salão de Rações Alimentares que se estende pela rua e ao longo das linhas ferroviárias. Há um cadáver junto à porta principal, com moscas a zumbirem em volta dos buracos dos olhos que já foram comidos pelas gaivotas.

Não sei bem por onde tenho de entrar, onde começar, de modo que fico ali durante algum tempo, a contar o número de pessoas.

105. 150. 210, antes de a fila desaparecer ao dobrar da esquina.

— És a nova recruta?

Volto-me. Uma mulher da Iniciativa está deitada de costas em cima da caixa de um gerador, a mastigar pastilha elástica. Eu nunca mastiguei uma pastilha, mas ao vê-la apetece-me experimentar.

Aceno com a cabeça e engulo em seco.

— Então vem cá — diz ela —, eu não mordo. Chamo-me Orion. Como a constelação, não sei se estás a ver... — Tento disfarçar o meu sorriso, ao pensar na ocasião em que a Peri me perguntou se a constelação Orion era muito gorda pois tinha um cinturão muito grande.

Eu nunca falei informalmente com um funcionário da Iniciativa, muito menos com uma funcionária. Ela tem um uniforme todo negro, com botas de couro com atacadores, que lhe chegam até ao joelho, e uma pistola

também negra na anca. Mas há qualquer coisa na Orion que é diferente. Reparo numa faixa branca e vermelha cosida no tecido em volta da coxa.

— É médica? — pergunto.

— Há vários de nós que o são, nos dias que vão correndo — responde-me ela. — E estamos quase a chegar atrasadas.

Atravesso a linha do comboio e mantenho uma certa distância, certificando-me de que não me aproximo muito dela. Estou furiosa. Todo o caos, todos os assassinios não fazem senão com que sintamos mais medo. São os pastores que olham para o lado quando os lobos vêm brincar. «Meadow Woodson.» Orion levanta um pequeno leitor portátil. O meu nome, rosto e número de catalogação surgem a brilhar no ecrã. Não estou a sorrir na fotografia. Lembro-me quando me voltaram a tirar. Alguns dias após a morte da minha mãe. — Diz-me lá, é o teu primeiro emprego? As coisas aqui correm bem, de modo que deverás cá ficar a vida toda, *Lourinha*. Achas que podes lidar com isso? — Ela tem o cabelo cortado curto, revelando uma espessa linha de cicatrizes, como marcas de garras no pescoço. A Orion não é para brincadeiras. Posso dar-me conta disso ao ver-lhe os músculos fortes dos braços tatuados com caveiras, e pelo modo como ela está sempre a girar a cabeça, a observar todos os cidadãos que nos rodeiam.

Mas aposto que consigo ser ainda mais forte do que ela. — Acho que sim. Sem problemas. — Aponto com o queixo para as cicatrizes que ela tem no pescoço. — Que é que lhe aconteceu?

— Atacaram-me de surpresa há uns anos. Queres saber porquê? — Volta-se de barriga para baixo e o gerador treme um pouco quando ela dá um salto para sair de cima dele. — Em breve irás saber. — Ouço as duas buzínadelas que assinalam o início do dia de trabalho. — Segue-me, não digas nada. Não faças perguntas. Hás de descobrir por ti. — Orion acena-me com a mão. — Depressa gente, vamos a despachar!

Abrimos caminho por entre a multidão e dirigimo-nos às traseiras do edifício, onde há menos confusão, mas ainda muita gente para que eu me possa sentir segura. Fico à espreita enquanto a Orion mostra ao leitor mecânico o seu número de catalogação. A porta abre-se com um clique e nós entramos no Salão das Rações Alimentares.

Assim que entramos, penso logo em sair e ir até ao mar, onde o ar é limpo e puro. Aqui, as moscas tentam pousar ou fugir das mãos rápidas dos soldados da Iniciativa que guardam o Salão. O ar está extremamente quente e, a cada passo, apercebo-me de uma dose de odor corporal e de um cheiro

a carne podre. Filas de mesas de metal ocupam o centro do Salão. Parecem não ter sido limpas há já vários meses.

— Disseram-me que, ao fim de algum tempo, me habituaria ao cheiro — diz-me a Orion. — Mentiram-me. — Ela põe a cabeça junto a um leitor inserido numa outra porta de metal espesso. Veem-se o que me parecem ser marcas de murros no metal.

Sigo-a até uma sala enorme cheia de caixotes de madeira empilhados até ao teto. — As rações vêm nos caixotes — esclarece a Orion, dando um murro num deles. — Nada aí se estraga, de modo que não te preocupes por estarem expostos ao calor.

Tanta comida, ali à espera... Consigo imaginar a cara do meu pai se visse tudo isto.

— Não te ponhas com ideias — diz-me a Orion, levantando -me uma sobrancelha com um *piercing*. Dá uma palmada na pistola que tem na anca, mas em seguida, por estranho que me possa parecer, sorri. — Não. Se fosses suficientemente estúpida, já terias tentado qualquer coisa. Por aqui. — Sigo-a até uma parede de vidro espesso. — Estas paredes são à prova de bala — observa a Orion. Antes mesmo que eu me aperceba, vejo-a tirar a pistola e dar um tiro numa delas.

A bala fica enterrada no vidro como um dardo de jogo. Sinto um tinir nos ouvidos. — Adoro isto. — A Orion ri-se, põe a pistola no coldre e continua a andar como se nada tivesse acontecido. Existe um balcão por baixo do vidro e, de meio em meio metro, ranhuras por cima do balcão, suficientemente grandes para se poder passar por elas um prato ou um saco de rações.

— Estas ranhuras não são à prova de bala — digo eu em voz alta. Os meus ouvidos ainda estão a tinir.

Orion encolhe os ombros. — Nós também não. Torna as coisas mais interessantes, não achas?

Sinto o suor a escorrer-me pela espinha e arrepio-me. Foi aqui que a Iniciativa quase matou o Koi, há muitos anos. Olho de soslaio para a Orion.

— Pareces assustada — observa ela. — Vai-te embora agora se quiseres. Tenho a certeza que há muitas outras lourinhas que eram capazes de matar para ter este emprego.

Cruzo os braços e olho fixamente para os seus olhos castanhos. — Não penso ir-me embora, a não ser que me dê um tiro e leve o meu corpo para a rua.

A Orion ri-se. — Linda menina. Prepara-te então. — Atira-me um par de luvas espessas e diz-me para me manter atrás de uma linha desenhada no chão. — O trabalho é fácil. Esperas, enquanto eles lhes leem os números. Em seguida observas estes ecrãs que estão aqui. Temos de lhes dar exatamente o que lá estiver, e mais nada. És rija?

Aceno-lhe que sim.

— Assim esperemos. Tens uma arma?

Aceno-lhe uma vez mais.

— Se alguém se armar em parvo, usa-a. Perdemos uma rapariga na semana passada. Uma coisa de dar volta ao estômago. Vais ficar surpreendida ao ver o que as pessoas são capazes de fazer por comida.

— Talvez não — respondo. Os meus lábios contraem-se como as pontas de uma mola da roupa que se fecha. A Orion nunca deve ter passado um dia sem comer. Começo a imaginar como será a vida dela, o seu apartamento no bloco habitacional da Iniciativa.

Segura. Cheia de armas e de fruta, sem uma única ameaça quando encosta a cabeça à noite à almofada. Parte de mim odeia-a só por isso.

— Cá vamos nós — diz-me a Orion. Tira a pistola e vê o carregador. Cinco balas e uma ainda agarrada ao vidro. Respiro fundo, volto-me para as portas, e vejo o modo como os soldados da Iniciativa deixam os cidadãos entrar.

Demoro apenas alguns minutos até ficar familiarizada com o que devo fazer. Quando é lido um número, retiro um saco de rações de um caixote marcado com a porção correta. A maioria são sacos de tecido com carne seca; outros são tão pequenos que me cabem na palma da mão. Alguns cidadãos têm direito a pão, dependendo dos créditos. Eu passo as rações pela ranhura acima do balcão, de um modo rápido e regular, e encarrego-me do próximo indivíduo. O trabalho em si é fácil, apesar do calor e do cheiro.

Mas os cidadãos estão enfurecidos. Começam a empurrar-se e a arranhar-se uns aos outros para poderem chegar mais perto do início da fila. Eu sinto-me como se estivesse a olhar para olhos de animais, pois eles são como lobos que não tivessem comido há várias semanas.

Pego num saco de carne seca. Este é tão pequeno... e custa 25 créditos... É quase o que o meu pai ganha numa semana.

— Quem pensas que eu sou, um Programado? — grita um homem de ar assustado. — Paguei para esta comida. Devia ter mais!

— Nada posso fazer acerca disso.

O homem resmunga, depois mete a mão pela ranhura, a tentar abar-batar outro dos sacos de comida que estão a meu lado. Num abrir e fechar de olhos, retiro o punhal da cintura e cravo-o entre o dedo médio e o anelar. O punho da arma vibra com um som ameaçador.

— A não ser que queira que eu acerte num apêndice maior, sugiro que pegue na sua comida e se vá embora — aviso-o. Empurro-lhe o saco de rações e ele parte, agora de olhos postos na comida.

— Linda menina — grita a Orion. Ela é rápida no que faz, de modo que eu também tento apressar-me. Não irei permitir que um membro da Iniciativa me passe a perna. O meu pai sentir-se-ia envergonhado.

À medida que a fila continua a crescer do outro lado da parede de vidro, ponho-me a observar as mulheres. Algumas delas estão grávidas. Cai-me o coração aos pés. Quantas pessoas mais poderemos nós trazer para a nossa sociedade, antes que tudo se comece a desmoronar?

Não podemos desperdiçar uma migalha de comida, um centímetro quadrado de espaço para quem quer que seja.

Mesmo se os assassínios continuarem, as centenas de mortos todos os meses mal roçam a superfície do problema. Somos muitos. Mesmo muitos. Já tive pesadelos em que tento nadar no mar, mas há tanta gente que não me consigo mexer, nem consigo mesmo estar ao lado delas nas ondas, e depois imagino que já não há ondas. Que é apenas um mar de pessoas e que eu estou parada, sem poder fazer nada, no meio delas.

Mais tarde, quando a fila desaparece, sento-me encostada ao vidro a olhar para as centenas de caixotes agora vazios. Havia tanto esta manhã e agora já não há nada.

Uma coisa pouso-me no colo. Um pedaço de carne seca. Olho para cima e vejo a Orion sentada num dos caixotes diante de mim, a balançar as pernas para cá e para lá. — Para comemorar o teu primeiro dia — diz ela. — Come-o ou esconde-o, antes que alguém o veja.

Fecho a mão para esconder a carne e, de súbito, tudo o que quero fazer é correr para casa, para mostrar à Peri o que ganhei e vê-la sorrir. A Orion está a observar-me com os seus estranhos olhos escuros e não desvia o olhar. Há algo nela que não bate certo, algo que eu não consigo decifrar.

Não gosto disso.

Ponho o pedaço de carne no bolso, e faço-lhe uma vénia com a cabeça para lhe agradecer.

Levanto-me, pronta para sair, mas a Orion detém-me. — Atenção, *Lourinha*, tens o teu crachá?

Pego nele e atiro-lho. Os reflexos dela são rápidos, como os de um gato.

— Isto é apenas temporário. — Levanta-se. — Agora vamos ao que interessa. Vai haver um pequeno ajustamento no teu Alfinete. Vem comigo.

Vamos até uma mesinha num canto das traseiras, com duas cadeiras de madeira já muito desengonçadas. — Senta-te — diz-me ela. — Estende o braço.

Há uma caixa preta em cima da mesa. A Orion abre-a e, lá dentro, vejo uma bola também preta muito pequena, não maior do que a unha do meu dedo mindinho, que eu reconheço como sendo uma esfera de créditos. O Koi não tem uma nem nunca terá. A Iniciativa não nos dá segundas oportunidades. Na caixa há também uma lata com um aplicador e uma seringa com um gel azul que eu tenho a impressão de ser remédio para as dores. O meu pai informou-me disso e, quando a Orion vai retirá-la, eu paro-a.

— Não quero isso — afirmo. Ela ergue, uma vez mais, a mesma so-brancelha com o *piercing*. Não preciso de me explicar. A dor é boa. Cada vez que a sinto, fico mais forte. Aprendo a dominá-la.

— Eu também não o quis — confessa a Orion. Ela observa-me por demasiado tempo, mas eu não vou desviar os olhos nem mostrar fraqueza. — Tu e eu não somos assim tão diferentes — observa ela. — Braço direito em cima da mesa.

Poderia encontrar mil e um motivos para discutir com a Orion, mas, em vez disso, limito-me a sentar-me em silêncio e a esticar o braço.

O corte não é profundo mas a dor é. Ranjo os dentes e respiro fundo, mas não fecho os olhos quando ela me insere a esfera por baixo da pele.

— É aqui que os teus créditos ficarão registados. Trabalhas, tens créditos. Passas o leitor pelo braço, tens rações. Sais da linha... e a esfera fica a zero. Estás a perceber?

Vejo o modo como ela encosta a lata ao meu braço. O sangue corre-me pelo pulso. — São células líquidas de pele — explica-me. — Uma coisa com um cheiro esquisito. Como presunto. Já alguma vez comeste presunto? — Abano a cabeça. Nem sequer sei o que isso é. A Orion espalha-me o gel no corte e eu vejo o líquido acastanhado a borbulhar-me no braço. — As nanites podem restabelecer-te num instante. Mas este produto fará com que a pele fique mais resistente. Não conseguirás tirar esta esfera, a não ser que faças um golpe bem fundo com uma faca.

Segundos depois, as borbulhas acalmam e eu consigo ver uma camada de pele nova sob o meu próprio sangue seco. Essa pele nova é mais clara do que a minha e, quando lhe ponho um dedo em cima, não sinto qualquer dor. — É fantástico — admito.

— Tal como os Alfinetes, não sei se estás a ver... — A Orion olha por instantes para a minha ferida. Quando vê que eu também estou a olhar para o mesmo sítio, levanta-se e volta a pôr tudo na caixa. — A tua esfera está programada e pronta a funcionar. É resistente. Não se quebra mesmo se o teu braço se partir em dois. Não se quebra mesmo que o queiras.

» Mas o Alfinete é uma outra história. Tiras esse sacana do corpo e podes dizer adeus à tua saúde. Sabes, conheço a pessoa que os fez... — Cala-se por momentos, creio que se perdeu nas suas memórias que me parecem tristes, a avaliar pela expressão no seu rosto.

Alguém bate no vidro. Ambas damos um salto, e um soldado da Iniciativa faz um gesto para que ela vá ter com ele.

— O teu próximo turno é amanhã, ao nascer do dia. Tenho a impressão de que gosto de ti. De modo que não chegues atrasada, *Lourinha*. — E sai, sem me dizer mais nada.

## CAPÍTULO 14

### ZEPHYR

«Os paus dos Baixios, antes da Iniciativa, foram em tempos conhecidos como os Everglades.» — A Talan lê um folheto de propaganda que encontramos, depois de termos limpado, há já uns dias, as valetas atulhadas das ruas.

Ela poderia ter sido morta por roubar lixo, pois isso vai contra o Quarto Mandamento.

Devemos levar toda a propaganda para o Cemitério, de modo a que eles possam escavar na porcaria para encontrarem o que querem e o que ainda lhes possa servir. Acredito que é por terem medo que nós nos revoltemos. Mas a Talan nunca foi pessoa de fugir ao perigo e está obcecada com coisas de antes da Queda.

Enquanto ela lê, estou tão aborrecido que quase tenho vontade de arrancar os olhos para os assar na brasa para o almoço. Tenho fome suficiente para o fazer. Rodo os dedos num minúsculo charco de água a meu lado. Há pequenos peixes que fogem.

Lembro-me do primeiro dia em que para aqui vim. A marca de Programado que tenho no pescoço ainda sangrava. Tinha uma tenda nos braços e uma camisa rasgada. Acabei por perder ambas, antes que a Lua substituísse o Sol no céu.

Foi nessa ocasião que conheci a Talan. Ela também estava sozinha, mas era mais forte, talvez por ser mais teimosa. Vi-a atacar um rapaz que era duas vezes maior do que eu, depois de ele me ter chamado nomes e, desde então, ficámos amigos. Passámos a noite ao lado um do outro a olhar para as estrelas, a contarmos um ao outro histórias dos nossos pais. A dizermos que faríamos tudo o que fosse preciso para ficarmos do mesmo lado e nos mantermos em segurança.

Mantivemos a nossa promessa, mas houve muita coisa que mudou, eu na altura era mais frágil. Tinha medo de tudo. Agora, a única coisa de que tenho medo é de mim mesmo.

— Não estás a ouvir o que eu digo, Zephyr — diz-me a Talan, de mau humor. — Queres descobrir-te? Então temos de fazer isto. Ou tu o lês, ou então bem podes pôr as tuas cuequinhas de senhora e ouvires com atenção.

Porquê continuar a tentar? Não há qualquer conspiração por detrás dos assassinios. O panfleto é uma tentativa ridícula de lidar com a perda de um ente querido. Onde eu e a Talan nos deveríamos estar a concentrar seria na nossa sobrevivência. Esta porcaria não nos leva a lado nenhum. — Estou tão aborrecido... — gemo. Ela atira o panfleto para o chão e afasta-se, com a lama a sugar-lhe os pés a cada passo que dá.

— Tu não tens remédio. Não tens mesmo! — exclama ela.

Raios. Agora está zangada. Se eu pudesse regressar àquela noite em que nos conhecemos, faria com que ela me jurasse nunca se comportar como uma miúda. — Anda cá, Talan, vou ouvir-te, estava só a brincar contigo...

Mas as minhas palavras apagam-se quando o vento volta o panfleto. Demoro um pouco a ler algumas dessas palavras, mas consigo:

*«Uma informação anónima de um antigo membro da Pesquisa em Propaganda afirma que as Horas da Escuridão se encontram protegidas pela Iniciativa governamental. O ato de assassinar poderá não ser simplesmente causado pela loucura, mas poderá ser despoletado pelo objetivo a longo prazo de usar cadáveres como rações...»*

— Oh, que exagero. É uma coisa doentia. — Atiro fora o panfleto. — Talan! — Já ouvi toda a espécie de teorias da conspiração, mas nenhuma me dá uma resposta satisfatória.

Regularmente, mato pessoas.

Não consigo parar. Nunca o conseguirei. A não ser que alguém descubra um modo de me impedir.

A Talan tinha razão. Eu não tenho remédio. Não há nada de bom em

mim, nada mesmo. Não importa os esforços que faço para me tornar melhor, nunca conseguirei apagar tudo o que fiz.

A minha faca é artesanal. Suficientemente afiada para poder cortar a casca de uma árvore. Aperto o cabo na mão. Faz-me sentir reconfortado e seguro. Seria fácil fazê-lo. Enterrar a lâmina no meu peito, do modo como fiz a tantos outros.

Sinto uma guinada de dor.

Dor horrível, aguda, e na minha cabeça julgo ouvir uma voz.

*Para.*

A faca cai-me da mão. Devo estar a enlouquecer.

Tento outra vez, ponho a lâmina bem contra a pele e sinto a mesma dor, a mesma voz que me diz para parar.

Por instantes, penso reconhecê-la.

Mas não. Não é possível. Ou sou tão doido como os fulanos das teorias da conspiração, ou então é apenas a minha consciência. Devia pedir à Talan que me atasse a uma árvore à noite, ou dar todas as minhas rações para que pudesse morrer lentamente à fome.

Mas ainda aqui estaria. Ainda seria uma ameaça para toda a gente, durante toda a minha vida. Ponho a ponta da faca nos pulsos. Devagar e com muita dor. É assim que mereço morrer.

A voz grita-me, e essa guinada dolorosa regressa, mas eu tento reprimi-la, dizer a mim mesmo que tenho de ser forte.

Corto o meu corpo como se estivesse a cortar manteiga. Doze vezes. Doze linhas regulares, uma para cada vida que ceifei. Tento mesmo arrancar o meu Alfinete, retirá-lo para que as nanites não me possam curar. Mas começo a ficar com tonturas e a sentir que o mundo me abandona.

— Liberdade. — Sorrio quando me estendo no chão sob o sol morno.

Por vezes, nos meses de inverno, um nevoeiro espesso rola pelos Baixios ao nascer do dia.

Cola-se às paredes dos edifícios e cobre tudo com uma espécie de frescura.

Neste momento sou como o nevoeiro, a agarrar-me a algo que eu sei que não irá manter-me sempre. Mas vale a pena tentar. Algures, vinda da escuridão, julgo ouvir a voz da Talan: — Fica comigo! — grita ela, mas não é bem um grito, não me parece. É como se me estivesse a chamar do outro lado do mar. — Não me deixes, Zephyr James!

Vezes há em que penso que sinto mãos a tocarem-me na pele, e pergunto-me se se tratará das minhas vítimas, a puxarem-me para baixo. É como o mar, mas este mar é gelado e, quanto mais mergulho nas águas, mais me é difícil respirar.

— Porque é que ele está a sangrar? Que é que aconteceu? — Não sei de quem é a voz, será do Thomas?

Sinto murros no peito e, por instantes, é-me mais fácil respirar. Ouço um grito, ou talvez um guincho arrastado de portões a abrirem-se, mas estou muito cansado para lhes prestar atenção. Ouço passos, a correr.

Penso, por momentos, que talvez esteja a flutuar.

Abro os olhos e vejo o céu.

Está a chover.

Mesmo a propósito, dou-me conta, para o dia em que hei de morrer.

## CAPÍTULO 15

### MEADOW

Para ir para casa, decido seguir um atalho que passa junto ao hospital. Não é tão seguro ir por aí, mas não me apetece passar pelos Arquivos da Catalogação.

Se tivessem encontrado a minha mãe a tempo, teriam conseguido levá-la para o hospital. Poderiam tê-la curado. Tenho a certeza. Mas, é claro, era já tarde de mais. Nunca vi o seu corpo.

O meu pai deu-me um abraço quando trouxe para casa as botas de couro que ela tinha. Havia ainda uma mancha de sangue numa delas e, não importava o esforço que eu punha para a remover, nunca saía.

O Sol está a desaparecer do céu. Ouve-se um trovão e, de súbito, começa a chover. Chove quase todos os dias nos Baixios. Agora já consigo ver o hospital, um pequeno quadrado de cimento entalado entre duas torres.

Eu podia fazer mudanças que fossem importantes, descobrir um modo de salvar vidas, parar com as mortes. Os meus devaneios inúteis são interrompidos por um grupo de crianças, não muito mais velhas do que eu. Estas formam um círculo e põem-se a olhar para o chão encharcado em sangue. Muitos deles são Programados, com «X» negros na parte de trás do pescoço. As roupas são ainda mais esfarrapadas do que as minhas, e têm um cheiro esquisito, apesar da chuva.

Eu devia continuar a andar até que os meus dedos dos pés tocassem na areia e a água me chamasse para casa. Mas a curiosidade leva sempre a melhor comigo. Paro.

Suspiro.

Porque é ele.

O mesmo rapaz, deitado numa poça de sangue, na rua. Está pálido, com o braço enrolado num cobertor que inunda de vermelho o cimento. Tento chegar-me à frente do grupo. Ajoelho-me a seu lado. — Que lhe aconteceu? — pergunto, como se a pergunta não me pertencesse.

— Quem és tu? — ouço alguém a perguntar.

— Chamem um médico — grito, e depois tiro o cinto e começo a apertá-lo em volta do braço do rapaz, mesmo por cima da ferida, para estancar a hemorragia, do modo como o meu pai me ensinou. — Que lhe aconteceu? — volto a perguntar.

— Este parvo tentou eliminar-se a si mesmo — informa-me uma rapariga de cabelo escuro. — Um sacaninha egoísta, deixando que eu o encontrasse. — Tem os olhos avermelhados de chorar, mas não parece surpreendida.

O suicídio é uma fraqueza. Foi o que o meu pai me ensinou. O suicídio é desistir num mundo onde deveríamos estar a combater com todas as nossas forças.

Sento-me, a aplicar pressão, a observar o rapaz, a odiá-lo por ele ter feito uma coisa daquelas. Tem os olhos fechados, como se estivesse a dormir, e um rosto muito pálido. Devia ir-me embora agora, mas não posso deixar de olhar para ele. Ele é muito bem-parecido, com o cabelo castanho e desgrenhado na cara, e eu fico chocada ao dar-me conta de que me apetece tocar-lhe.

Alguém com esse aspeto não devia ser tão fraco.

Alguém com esse aspeto não devia morrer desta maneira.

Um médico da Iniciativa sai do edifício, com a sua bata branca a adejar ao vento. — Que é isto? — grita-nos. — Saiam do meu passeio, seus porcos!

A multidão dispersa-se e o médico começa a examinar o rapaz.

Já vi sangue. Já vi coisas horrendas. Já vi um homem com as tripas a saírem-lhe da barriga. Mas os doze golpes abertos nos pulsos do rapaz são o pior que alguma vez vi. É que ele fez isso a si mesmo...

— Acha que o poderá salvar? — Olho para o médico, enquanto passo os dedos pela testa do rapaz. Sinto-a húmida, como cera.

— Isto é uma perda de tempo! — O médico retira um leitor mecânico do casaco e lê o número de catalogação do rapaz.

«Zephyr James. Cidadão Essencial. Dezassete anos. Tipo de sangue: AB negativo.» O médico parece ter ficado muito surpreendido. Já não existe tédio no seu rosto, mas puro terror.

— Essencial? — pergunta a rapariga de cabelo escuro. Ela está debruçada sobre mim, a olhá-lo fixamente, como se estivesse furiosa por poder perdê-lo, como se ele fosse tudo para ela. — Ele não é assim tão essencial — observa ela —, é apenas um Programado.

*Essencial.* Essencial quer dizer importante. Nenhum Programado alguma vez foi essencial.

Nenhum Programado poderia causar tanto medo a um médico da Iniciativa.

Não sei porque me importo com isso.

Mas não consigo evitá-lo.

O médico olha por cima de nós, como se estivesse a tentar juntar as peças do puzzle. Mas, de súbito, o rapaz começa a gemer e o médico apressa-se a regressar ao hospital.

No entanto, não demora a aparecer, com uma enfermeira de cada lado. — Ele pelo menos ainda tem o Alfinete. Levem-no para dentro! — grita. — E vocês, saiam já do passeio!

Sinto que o corpo do rapaz já está a arrefecer. Ele parece tão indefeso, tão tremendamente só... Não consigo deixá-lo ali. Que será que o torna essencial? Que será que o torna diferente de nós, que estamos de pé à sua volta? Sei que o meu sangue é do tipo O. A minha mãe obrigou-nos a todos a fazer um teste. — Passe o leitor por mim! — grito.

O médico para, e volta-se lentamente para me encarar. — O quê?

Levanto-me e atravesso o passeio com dois passos largos. As minhas mãos estão cobertas do sangue do rapaz. — Disse-me para me passar o leitor pela testa. Para ver o meu número. — Ele não se mexe, de modo que eu avanço, tiro-lhe o leitor da mão, ponho-o junto à minha testa e carrego no botão.

«Meadow Woodson. Dezassete anos. Cidadã. Tipo de sangue: O. Departamento de Rações Alimentares.»

— Usem o meu sangue. — E ponho o leitor nas mãos do médico.

— Isso é contra o protocolo — esclarece ele.

— Que se lixe o protocolo, usem o meu sangue! Não posso permitir que ele morra!

— O rapaz está em boas mãos, Menina Woodson.

Baixo a cabeça. Cai-me o coração aos pés. Ainda vou ter problemas por me ter posto a discutir, mas há qualquer coisa que me diz que eu não devo perder este rapaz de vista.

Um Programado é um Programado e nada mais. Isto não pode estar a acontecer.

— Estou disposta a dar-lhe todos os créditos que tenho — murmuro. — Dê-lhe o meu sangue.

Ele nem sequer perde tempo a pensar no assunto e parte de mim quer sorrir porque acabei por ser mais esperta do que ele. Ele não sabe que eu só trabalhei uma vez. É claro que não ganhei muito. — Pois bem — diz-me ele, com um careta.

A Peri vai perder um dia de rações. O meu pai vai ficar furioso. O Koi não vai falar comigo durante uma semana. Tenho as mãos a tremer à medida que avanço, talvez seja do choque de fazer alguma coisa por uma outra pessoa. Agrada-me pensar que seria o que a minha mãe teria feito.

Não demora até levantarem e deitarem o rapaz numa cama de hospital, e uma enfermeira pega-me por um braço, a puxar-me atrás dela, enquanto vamos percorrendo um labirinto de corredores brancos.

Quando chegamos a uma sala e me inserem uma agulha na veia, parte de mim esvai-se pelo cateter em direção ao rapaz.

Um Programado. Essencial. É impossível.

Tenho de saber o que isso quer dizer. Fecho os olhos e encosto-me à fresca mesa de metal, enquanto uma enfermeira vai cosendo em silêncio os golpes nos pulsos do rapaz. Ele volta a gemer quando o médico lhe injeta qualquer coisa no braço e lhe pulveriza pele líquida por cima das feridas. Estas são tão fundas que o médico tem de as pulverizar duas vezes. Por vezes, as nanites não funcionam com a rapidez desejada.

Quando saio finalmente do hospital, o mundo está mergulhado em escuridão. Ainda penso correr pelo meio da rua principal, ao longo das linhas do comboio.

Mas nem sempre a velocidade nos traz segurança. De modo que, em vez disso, me ponho a andar em silêncio com um passo certo, preocupada em respirar descontraidamente. É importante manter-me atenta. Não ignorar um único som.

Há alguns que dizem que os assassínios acontecem todos ao mesmo tempo, num único momento sangrento. Esta noite não vejo nada de

estranho para além de uns quantos indivíduos que ainda andam na rua, arriscando-se. Os mais espertos estão escondidos, com as velas apagadas e as janelas entaipadas, se tiverem sorte suficiente para as terem.

Passo pela biblioteca, que me recorda o meu pai. Começo a andar mais depressa. Sei que ele já deve estar furioso.

Pela primeira vez desde que vim à cidade, sinto medo.

Os Baixios tornaram-se uma cidade fantasma.

Quando contorno uma esquina, vejo fumo a elevar-se da rua. Um grupo de pessoas está em volta de uma fogueira crepitante. Cheiro qualquer coisa que está a ser cozinhada. Esse é o beijo da morte. «Estúpidos», murmuro entre dentes. Desvio-me o mais que posso da fogueira. Na distância alguém ri.

Estou quase a chegar à praia quando o ouço. O som é suave, apenas uma pancada surda, e vem da viela à minha esquerda, do lado para onde tenho de ir para chegar mais depressa à praia.

Seguro o punhal diante de mim. Começo a andar em bicos de pés, do modo como o meu pai me ensinou, e encosto-me às paredes.

Está escuro, mas a Lua oferece luz suficiente para que possa ver para onde vou. A viela, vista daqui, parece estar deserta. Passo com a minha mão pelos tijolos. Essa solidez faz-me sentir em maior segurança.

Até tatear uma coisa húmida e morna.

Muitos dos edifícios deitam água. Canalizações velhas que se estragam com o passar dos anos. Mas isto é como tocar em algo pastoso.

Levanto a minha mão para a luz do luar.

Um vermelho, espesso e brilhante, cobre-me os dedos.

Sangue.

Desvio-me da parede. Uma substância escura, quase negra à noite, escorre da parede de tijolo.

Olho para cima, devagar, seguindo-lhe o rasto.

Quando vejo o cadáver, quase dou um grito, mas consigo controlar-me. Trata-se de uma mulher. Longas madeixas de cabelo estão penduradas de uma velha escada de emergência, ainda lhe vejo o braço a balouçar.

De repente, ouço um grito, mesmo atrás de mim, na rua principal. É agudo e terrível, um som que me faz ficar toda arrepiada. Trata-se de um som semelhante ao de um líquido a atingir o solo que depois se transforma num gorgolejo.

Não vou em sua ajuda. Sei que ele já está morto. Ouço passos e um homem surge na viela.

Ele vê-me. Tem um corte na cara. Os nossos olhos encontram-se e ele dirige-me uma única palavra:

— Corre.

Volto-me e corro tão rapidamente quanto os meus pés mo permitem, para fora da cidade.

Já chegaram as Horas da Escuridão.

Esta noite a sorte está do meu lado, porque o bote está no seu sítio e não vejo Piratas em lado nenhum.

Ponho-me a remar pelo mar o mais depressa que consigo, sem me importar com o facto de as minhas botas estarem molhadas de água salgada, ou de mal conseguir respirar. Não sou capaz de remar mais depressa.

Estúpida, estúpida, estúpida.

Nunca devia ter ficado até tão tarde, nunca me devia ter desviado do meu caminho para salvar um rapaz desconhecido que nada significa para mim, que nada significa para a minha família.

O importante é a Peri. A Peri, o Koi e o meu pai, a nossa sobrevivência, e nada mais.

Aterroriza-me que o meu pai já tivesse movido a nossa casa flutuante e me tivesse deixado para trás, para me dar uma lição.

Mas ei-lo à distância na cadeira de balouço.

O meu lar...

A proa do bote embate contra um dos lados da nossa casa flutuante e sinto que posso finalmente respirar. Mas há algo que não está bem. Normalmente, o arame farpado já teria sido corrido e a Peri estaria à minha espera.

Em vez disso, nada mais há a não ser o vento e as ondas.

— Está alguém em casa? — chamo. E começo a bater num dos lados da mesma. — Sou eu!

É então que aparece o escadote de corda que se desdobra como uma cobra. Começo a atar o bote e a subir, mas vem alguém a descer.

Não é o meu pai.

É o Koi.

— Desvia-te — pede-me ele, ao começar a descer pelo escadote.

Saio do seu caminho e fico à espera dele. Ele para então à minha

frente. O seu rosto, muito parecido com o do meu pai, revela-me que está zangado.

— Foi muito simpático da tua parte teres-te vindo juntar a nós — irrompe ele.

— Atrasei-me — respondo, olhando para os meus joelhos. — Mas estou aqui, não é verdade?

— A Peri pensou que tivesses morrido.

As palavras atingiram-me em cheio no peito, como um murro. Não há nada que possa dizer em minha defesa, porque o meu irmão tem razão.

O Koi inclina-se um pouco para a frente e tira-me o remo das mãos. Reparo então que a madeira está manchada de sangue. — Que é isto, Meadow? Sangue?

— Não é o que estás a pensar — esclareço. — Alguém foi assassinado.

— Claro que foi, estamos nas Horas da Escuridão! — O Koi atira bruscamente o remo para o espaço no bote entre nós os dois. Olha para mim como se me odiasse, como se não desejasse outra coisa senão que eu caísse no mar e me afogasse. Nunca o tinha visto assim antes.

— O teu trabalho termina antes do pôr do sol. Já devias cá estar há muito tempo.

— Atrasei-me — repito, mas ele dá um murro num dos lados do bote.

— Estás a mentir, Meadow. O pai queria ir procurar-te. Que farias tu se ele perdesse a vida devido aos teus caprichos?

— Ele... queria ir à minha procura?

— Ele adora-te, Meadow.

— Ele não gosta de mim. Ele não gosta de mais nada a não ser das suas sessões de treino.

— É o modo como ele nos mostra o seu amor! Será que não percebeste? Ele perdeu a mãe. De modo que não te pode perder também.

O bote começa a balouçar. As nossas cabeças aproximam-se por segundos. O Koi não diz nada. Limita-se a ficar ali sentado, à minha frente, à espera de uma explicação. Não lhe quero contar o que fiz porque acho que não são assuntos da sua conta.

No entanto, ponho-me a pensar na Peri e no meu pai, e em como nos esforçamos tanto para permanecer juntos. Vivos.

— Houve um Programado — começo, a tentar escolher as palavras com um certo cuidado —, que estava a sangrar. Tive de lhe prestar ajuda.

— Um Programado?

— Não estás a perceber, Koi. Ele estava estendido no meio da rua. Tentou suicidar-se, e...

— Então devias tê-lo deixado morrer — interrompe-me Koi. — Desde quando é que estás muito preocupada com estranhos? Por que motivo te importaras tu com *outras coisas* que não sejam a tua família?

— Qual é o teu problema? — pergunto-lhe.

Ele está agir precisamente como o meu pai.

Engulo em seco. Os seus olhos são muito escuros, como se não fossem dele nessa noite...

— Será que não estás a ver? — pergunto-lhe. — Um Programado é uma pessoa em quem ninguém pensa, não é alguém essencial, de modo que os médicos o levaram e eu dei-lhe sangue para o salvar, e... — Paro de falar quando o Koi me agarra pelos ombros e me atira a cabeça contra um dos lados da nossa casa.

— Que é que disseste?

Tento libertar-me das suas mãos, mas o Koi sempre foi mais forte do que eu. — Tive de o fazer — disse-lhe, quase já sem fôlego.

— Tu não tinhas de fazer coisíssima nenhuma — grita o Koi antes de me empurrar de novo o rosto contra a nossa casa. O metal está frio e viscoso. — Podiam ter-te matado, Meadow. E depois, que terias tu feito? Terias também matado a Peri. Terias feito com que ela morresse à fome...

Há lágrimas nos meus olhos. Tento afastá-las como posso, porque chorar é um sinal de fraqueza. — Tive de saber o que isso queria dizer. — Sou como uma criança. *Sou* uma criança que cometeu um erro estúpido por ter sido curiosa. — Solta-me.

— Não, até me teres jurado que te comportas como uma pessoa crescida e que fazes o que tens de fazer. Nada mais.

Ele tem razão. Não há dúvida. — Está bem... — admito.

Por fim, ele solta-me. Sinto uma enorme dor de cabeça. O vento levantou-se e o bote está a balouçar fortemente. Estou enjoada.

Koi inclina-se um pouco mais para a frente e baixa a voz. Olha-me muito nos olhos. Parece-se mesmo com o meu pai. Ríspido, frio e zangado. — Se voltares a cometer um erro destes, Meadow, vou à procura desse rapaz e desta vez sou eu quem o mata. Estás a perceber?

Aceno afirmativamente com a cabeça. Sei que ele não está a mentir. O Koi nunca o faz.

Sentamo-nos, a olhar um para o outro. E então, o Koi descontraí os

ombros. Agarra nos meus e dá-me um grande abraço, apertando-me de tal modo, que mal consigo respirar.

— Não podemos perder-te — diz ele. — Eu não posso ser a única pessoa que nos mantém unidos.

Há já muitos anos que não abraço alguém que não seja a Peri, de modo que, quando ponho os braços à volta dele, acabo por me sentir rígida. Pouco à vontade. — Estou muito bem — digo-lhe. — Sei tomar conta de mim.

— Eu sei — murmura. — É isso que me assusta mais. — Desvia-se. — Estás a ficar muito parecida com ela.

— Com quem?

Porém, o Koi abana a cabeça.

— Diz-me, Koi. Com quem estou eu a ficar muito parecida?

— Não interessa — diz ele. Penso... penso que as mãos dele estão a tremer, mas ele junta-as e pouasa-as no colo. — Vai ter com a Peri, para ela saber que não morreste...

Trepo lentamente pelo escadote e, quando chego ao alpendre, vejo que ela está à minha espera, de lágrimas nos olhos.

— Puseste-me a chorar — diz ela, fungando. — O Koi disse-me que tu eras uma parva por me teres posto assim.

— Desculpa — digo-lhe. Ajoelho-me diante dela e limpo-lhe as lágrimas. — Chorar não é vergonha, Peri.

— Tu nunca o fazes.

— Faço sim. — Ajusto-lhe um caracol por detrás da orelha. — Mas faço-o quando tu não estás a ver.

— Se prometeres que nunca mais me vais fazer chorar, deixo de ficar zangada contigo — diz ela.

Aceno-lhe com a cabeça, e então, de repente, estou perdoada.

Passo o resto da noite no alpendre, com os meus irmãos, a olhar para as estrelas. Contamos histórias à Peri acerca da nossa mãe, e o Koi ensina-lhe a conhecer as constelações.

Quando a minha irmãzinha adormece, o meu irmão vai buscar os anzóis e um frasco de tinta preta que ele guardou desde o seu décimo aniversário. É precioso para ele. Não o desenvolveu durante anos. — Quero dar-te uma coisa — afirma ele. Pega no meu braço direito e levanta o anzol maior. Aquele que tem a ponta mais espessa e afiada. Começo a tentar desviar o braço, mas os seus olhos fixam-se nos meus. — Nós somos diferentes, Meadow, eu consigo sobreviver neste mundo. Mas tu podes ser uma pessoa de

sucesso. Não quero saber o que fazes lá fora. Mas terás de me jurar que o farás sempre, para que possas sobreviver. Não para mim ou para o pai, mas para *ela*. — Ele olha para a Peri que já adormeceu. Esta noite não está a ter pesadelos.

— Estás pronta? — pergunta-me o Koi. Eu aceno-lhe com a cabeça e cerro os dentes.

Tento não gritar enquanto ele grava a palavra *Destemida* no meu antebraço. — Agora tens uma tatuagem que não é da Iniciativa — diz ele. Vejo-o a pôr-me tinta na ferida e uma ligadura no braço. — Terás de fazer o que for preciso para regressares a casa — murmura. — *Nunca* poderás acabar como ela.

Nada mais importa senão as pessoas que estão nesta casa flutuante.

Nada mais importa senão mantermo-nos vivos.

Eu serei sempre destemida.